



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Estágio Profissional: uma aventura e crescimento de uma Professora estagiária

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional, apresentado com vista à obtenção do 2º Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei 65/2018, de 16 de agosto e do Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de fevereiro.

Orientador: Professor Doutor Cláudio Filipe Guerreiro Farias

Ana Rita Rodrigues Falcão

Porto, setembro de 2019

Ficha de Catalogação

Falcão, A. (2019). Estágio Profissional: uma aventura e crescimento de uma Professora estagiária. Relatório de Estágio Profissional. Porto: A. Falcão. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: MODELO DE EDUCAÇÃO DESPORTIVA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA, UNIDADE DIDÁTICA, LONGA E CURTA DURAÇÃO.

Dedicatória

Aos meus pais e à minha irmã,

Por sempre estarem ao meu lado e nunca me deixarem desistir. São a minha força em todos os momentos e nesta longa caminhada foram o meu grande pilar.

Agradecimentos

À minha mãe e ao meu pai, por sempre lutarem para que nunca me faltasse nada e por sempre me apoiarem nos meus sonhos.

Não existem palavras para descrever toda a minha gratidão. Sem vocês nunca conseguiria chegar onde estou hoje. Obrigada pela vossa paciência, pelas vossas palavras, pelo carinho e amor, pelo vosso abraço de conforto.

Obrigada por serem os melhores pais do Mundo!

À minha irmã, que é a princesa dos meus olhos, obrigada por estares sempre ao meu lado e me apoiares!

Ao meu namorado, Hugo, por aturar o meu mau humor e amparar as minhas fraquezas. Obrigada pelas imensas palavras de conforto e apoio.

Obrigada por nunca me deixares, por fazeres parte da minha vida e por todo o amor incondicional.

Ao meu tio, Nelson, que mais do que um tio é um irmão para mim. Obrigada por me ensinares tudo aquilo que sabes e por me apoiares nesta caminhada. Sei que terei sempre o teu apoio.

Ao Professor Cooperante, Pedro, por sempre se mostrar disponível pela orientação e por todos os incentivos e apoio ao longo deste ano.

Obrigada por sempre confiar em mim.

Ao Professor Orientador, Cláudio Farias, obrigada pela disponibilidade e entrega que sempre teve para comigo, partilhando todo o seu conhecimento e profissionalismo. Obrigada por me colocar sempre novos desafios e por acreditar que o meu trabalho será sempre e sempre melhor. Obrigada pela grande ajuda na conclusão deste documento. Muito obrigada Professor.

Não posso deixar de agradecer ao meu Núcleo de Estágio, ao Alberto, à Elisa e à Alice pela paciência de me aturar quando não estava bem, pela entreatajuda partilhada por todos nós, e pela amizade que contruímos. Sem vocês não teria sido tão perfeito!

Agradeço também a esta casa, por me acolher durante estes dois anos de aprendizagens e descobertas.

Por último e não menos especial, agradeço aos meus 26 alunos, sem eles tudo isto não se realizava e não faria sentido. Eles contribuíram para o meu desenvolvimento profissional. Serão sempre os” meus meninos”!

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma estiveram presentes nesta caminhada.

OBRIGADO A TODOS!

Índice

Dedicatória	III
Agradecimentos	V
Índice de Tabelas	XI
Índice de Figuras	XIII
Índice de Anexos	XV
Resumo	XVII
Abstract	XIX
1. Introdução	3
2. Dimensão Pessoal	7
2.1. “Vamos conhecer-me melhor”	7
2.2. Expetativas em Relação ao Estágio Profissional	9
3. Enquadramento Institucional	13
3.1. Entendimento sobre o estágio profissional e o seu contexto legal	13
3.2. Legitimação da Educação Física no currículo escolar, no estatuto autónomo e na paridade com as restantes disciplinas	15
3.3. Caracterização da escola cooperante	18
3.4. Os para sempre meus meninos do 9º ano	22
24	
3.5. Os pequenotes do 5º ano	24
3.6. O Melhor Núcleo de estágio	26
4. Realização do estágio profissional	33
4.1. Área 1 – Organização e gestão do ensino e aprendizagem	33
4.1.1. A minha Conceção	33
4.1.2. O Planeamento do Processo Ensino-Aprendizagem	36

4.1.2.1.	Plano anual para a turma do 9º ano	36
4.1.2.2.	Modelo de estrutura do conhecimento.....	39
4.1.2.3.	Unidade didática: A importância de a adaptar ao nível dos alunos.....	41
4.1.2.4.	Estrutura e Entendimento do Plano de Aula	43
4.1.2.4.1	As regras e gestão dentro da aula.....	45
4.1.2.4.2	Os Modelos de ensino ao longo da caminhada.....	47
4.1.2.4.3	Modelo de Instrução Direta	47
4.1.2.4.4	Modelo de Educação Desportiva	47
4.1.2.4.5	Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo	49
4.1.2.4.6	Modelo de Ensino de Jogos para a compreensão (Teaching Games for Understanding- TGfU)	50
4.1.2.4.7	Aprendizagem Cooperativa	51
5.	A passagem para a realidade.....	53
5.1.1.1.	Observar, refletir e construir	53
5.1.1.2.	Avaliação.....	55
5.1.1.2.1.	Avaliação Diagnóstica.....	56
5.1.1.2.2.	Avaliação Formativa.....	57
5.1.1.2.3.	Avaliação Sumativa.....	58
6.	Área 2 – Participação na escola e relação com a comunidade.....	61
6.1.1.	Tretatlo	61
6.1.2.	Corta-Mato.....	61
6.1.3.	Torneio Final de Período.....	62
6.1.4.	Escola Aberta: atividades desportivas	64
7.	Área 3 – Desenvolvimento Profissional: Análise do tipo de atividade dos alunos e do contexto de aula em duas unidades de ensino do Modelo de Educação Desportiva: efeitos da duração das unidades.....	67
7.1.1.	Resumo	67

7.1.2.	Abstract	68
7.1.3.	Introdução	69
7.1.3.1.	Modelo de Educação Desportiva	70
7.1.4.	Metodologia	71
7.1.4.1.	Desenho do Estudo.....	71
7.1.4.2.	Participantes.....	72
7.1.4.3.	As unidades de ensino: aplicação do MED.....	72
7.1.4.4.	Instrumentos.....	73
7.1.5.	Procedimentos de análise.....	75
7.1.6.	Apresentação dos Resultados.....	75
7.1.7.	Discussão dos Resultados.....	77
7.1.8.	Conclusões.....	79
7.1.9.	Referências Bibliográficas.....	80
8.	Conclusões e Perspectivas Futuras	85
9.	Referências bibliográficas	89
Anexos	XXIII

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Dias de Observação	73
Tabela 2 - Valores de média referente ao Contexto de aula: Aquecimento, Gestão, Tempo Técnica, Jogos de Superioridade numérica, Jogos Modificados, Jogos Reduzidos, Jogo Formal, Atividades Livres e Funções.	75
Tabela 3 - Valores de média referentes á atividade dos alunos: Inativo, Resposta motora, locomoção, resposta motora fora da tarefa, resposta motora em locomoção	76

Índice de Figuras

Figura 1 - Igreja da Matriz.....	18
Figura 2 - Torre de Barcelos.....	18
Figura 3 - Ponte de Barcelos.....	19
Figura 4 - Mapa com a localização da Escola Cooperante	19
Figura 5 - Sala de Musculação	20
Figura 6 - Sala de Ginástica	20
Figura 7 - Pavilhão Desportivo	21
Figura 8 - Campo Polidesportivo	21
Figura 9 - Campo de relva sintética.....	21
Figura 10 - Documento de rotação dos espaços de aula	22
Figura 11 - Alunos da turma residente 9º ano	24
Figura 12 - Alunos da turma partilhada 5º Ano.....	26
Figura 13 - Núcleo de estágio.....	27
Figura 14 - Mensagem de uma aluna.....	86

Índice de Anexos

Anexo 1 - Plano Anual	XXIII
Anexo 2 – <i>Unidade Didática de Andebol</i>	XXIV
Anexo 3 – Unidade Didática de Basquetebol	XXV
Anexo 4 – Fotos dos Eventos Culminantes do MED	XXVI
Anexo 5 - Ficha de observação do estudo sobre a atividade dos alunos	XXIX
Anexo 6 – Ficha de Observação do estudo sobre o contexto de aula.....	XXX
Anexo 7 - Imagens do Torneio de Final de Período organizado pelo NE	XXXI
Anexo 8 – Plano de aula de andebol sobre a observação do contexto de aula e da atividade.	XXXIII
Anexo 9 - Plano de aula de basquetebol sobre a observação do contexto de aula e da atividade.	XXXVIII

Resumo

Realizados os quatro anos de formação académica, realiza-se o estágio profissional, que se insere no plano de estudos do 2º ano do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, onde permitiu transmitir o conhecimento académico até aqui adquirido no terreno da prática, isto é experimentar o “choque com a realidade”, que se baseia num conjunto de surpresas relativamente ao imaginado acerca da profissão (Batista et al., 2012). O presente relatório foi realizado sob a orientação do Professor Orientador, apresentando o processo de evolução da professora estagiária, realizado durante todo o ano letivo, e as suas reflexões críticas das aprendizagens e experiências vividas. O relatório encontra-se dividido em 5 capítulos. Sendo que no primeiro encontra-se a “Introdução”, que realiza um breve enquadramento do Estágio Profissional, bem como a estruturação do mesmo. O segundo “Enquadramento Pessoal” reporta-se à história de vida, às vivências que influenciaram esta escolha profissional e às expectativas iniciais do estudante-estagiário. O terceiro “Enquadramento Institucional” retrata o estágio profissional a nível institucional, legal e funcional, oferecendo ainda uma análise do contexto onde decorreu a prática da estudante-estagiária e a legitimação da Educação Física. O quarto capítulo, “Realização da Prática Profissional”, compreende a reflexão sobre as três áreas de desempenho do professor. De destacar que na área 3, está inserido o estudo de investigação-ação, sobre perceber qual a diferença do MED na Unidade de curta duração (Basquetebol) e na Unidade de longa duração (Andebol) em relação à atividade dos alunos e ao seu contexto de aula. Por fim o quinto capítulo, “Conclusões e Perspetivas para o Futuro”, apresenta um balanço final do ano de estágio, com todas as aprendizagens e transformações conseguidas e, ainda, ambições para o futuro. O estágio tornou-se, sem dúvida, um espaço enriquecedor e de partilha de conhecimentos entre professora-alunos e vice-versa.

PALAVRAS-CHAVE: MODELO DE EDUCAÇÃO DESPORTIVA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA, UNIDADE DIDÁTICA, LONGA E CURTA DURAÇÃO.

Abstract

After completing the four years of academic training, the professional internship takes place, which is part of the study plan of the 2nd year of the Master's Degree in Physical Education Teaching in the Basic and Secondary School of the Faculty of Sports of the University of Porto, where it allowed to transmit the academic knowledge hitherto acquired in the field of practice, that is, to experience the “shock with reality”, which is based on a set of surprises in relation to the imagined about the profession (Batista et al., 2012). This report was conducted under the guidance of the Advisor Teacher, presenting the process of evolution of the trainee teacher, carried out throughout the school year, and her critical reflections of learning and lived experiences. The report is divided into 5 chapters. Since the first one is the “Introduction”, which makes a brief framing of the Professional Internship, as well as its structuring. The second “Personal Background” refers to the life story, the experiences that influenced this career choice, and the student-trainee's initial expectations. The third “Institutional Framework” portrays the professional internship at the institutional, legal and functional level, and also offers an analysis of the context in which the student-student practice and the legitimation of Physical Education took place. The fourth chapter, “Realization of Professional Practice”, comprises the reflection on the three areas of teacher performance. It should be noted that in area 3, there is the action research study, on understanding what is the difference between the MED in the Short Term Unit (Basketball) and the Long Term Unit (Handball) in relation to the students' activity and its context. of class. Finally, the fifth chapter, “Conclusions and Prospects for the Future”, presents a final balance of the internship year, with all the learning and transformations achieved, as well as ambitions for the future. The internship has undoubtedly become an enriching and knowledge-sharing space between teacher-students and student-teachers.

KEYWORDS: SPORT EDUCATION MODEL, PROFESSIONAL TRAINING, PHYSICAL EDUCATION, DIDACTIC UNIT, LONG AND SHORT DURATION.

Lista de Abreviaturas

- AEB-** Agrupamento de Escolas de Barcelos
- AD-** Avaliação diagnóstica
- DB-** Diário de Bordo
- EC-** Escola cooperante
- EE-** Estudante Estagiário
- EF-** Educação Física
- EP-** Estágio Profissional
- ESB-** Escola Secundária de Barcelos
- FADEUP-** Faculdade de Desporto Universidade
- MAPJ-** Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo
- MEC-** Modelo de Estrutura do Conhecimento
- MED-** Modelo de Educação Desportiva
- MID-** Modelo de Instrução Direta
- NE-** Núcleo de Estágio
- NEE-** Necessidades Educativas Especiais
- PA-** Plano Anual
- PC-** Professor Cooperante
- PDA-** Plano de Aula
- PE-** Projeto Educativo
- PO-** Professor Orientador
- PT-** Personal Trainer
- TGfU-** Modelo de Ensino do Jogo para a Compreensão
- UD-** Unidade didática

Introdução

1. Introdução

O presente documento foi elaborado no âmbito da unidade curricular do Estágio Profissional (EP) do 2º ano do 2º ciclo de estudos, conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. A prática de ensino supervisionada (PES) decorreu numa escola cooperante (EC) durante o ano letivo de 2018/2019, situada no concelho de Barcelos, distrito de Braga, com um núcleo de estágio (NE) constituído por mais três elementos dois do sexo feminino e um do sexo masculino tendo o nosso acompanhamento sido realizado por dois professores: o professor cooperante (PC) e o professor orientador (PO) que em conjunto procuraram constituir-se enquanto verdadeiras comunidades de prática em busca da concretização de um objetivo comum. Aqui, assume-se uma narrativa, na primeira pessoa, das experiências, dos obstáculos, e das aprendizagens longo do EP de uma estudante-estagiária em contexto real de ensino. Nóvoa (2004) diz-nos que existe necessidade “da construção de narrativas sobre as nossas próprias histórias de vida pessoal e profissional e da necessidade de cada um se encontrar a si próprio como modo de adquirir uma maior consciência do seu trabalho como educador”.

Como tal, durante este ano tive a meu encargo duas turmas, uma residente do 9º ano e uma partilhada do 5º ano. Com a intenção de partilhar as experiências vivenciadas, o presente documento está estruturado em cinco grandes capítulos. O primeiro, a Introdução, onde se enuncia o propósito e objetivo deste documento. O segundo, o Enquadramento Pessoal, reporta-se à minha história de vida, às vivências que me influenciaram nesta escolha profissional e as minhas expectativas em relação ao estágio. No terceiro, o Enquadramento da Prática Profissional, menciono a legitimação sobre a EF, retrato entendimento do EP a nível institucional, legal e funcional, bem como faço uma análise do contexto onde decorreu o meu EP, descrevendo a EC. Menciono também o meu PC, o meu PO, os colegas do NE e descrevo as turmas que me foram atribuídas. O quarto, a Realização da Prática Profissional, abrange a área 1- “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”, a área 2- “Participação na Escola e Relações com a Comunidade” e a área 3- “Desenvolvimento

Profissional” apresentadas no Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional. Este é o capítulo onde descrevo toda a minha experiência durante este ano de estágio. Na área 1, estão evidenciados os subtemas da concepção, do planeamento, da realização e da avaliação do ensino, que foram indispensáveis para a minha prática pedagógica. No entanto, menciono também as minhas participações e envolvimento nas diferentes atividades escolares, enquadrando-se na área 2, participação na escola e relações com a comunidade. Por fim, inserido na área 3, destaco o meu estudo de investigação, sobre perceber qual a diferença do MED na Unidade de curta duração (Basquetebol) e na Unidade de longa duração (Andebol) em relação à atividade dos alunos e ao seu contexto de aula. Por fim, o último capítulo, “Conclusões Finais e Perspectivas para o Futuro”, recorrendo a uma reflexão retrospectiva acerca do EP, bem como são apresentadas as perspectivas para o futuro. Ainda neste capítulo, menciono que apesar de estar já associada profissionalmente num ginásio, não deixarei de lado a minha vontade de lecionar EF nas escolas.

Dimensão Pessoal

2. Dimensão Pessoal

2.1. “Vamos conhecer-me melhor”

O meu nome é Ana Rita Rodrigues Falcão, sou de nacionalidade Portuguesa, tenho 22 anos, nascida a 11/12/1996 em São João do Souto no hospital de Braga.

Resido na freguesia de Martim, pertencente ao distrito de Barcelos. Freguesia que está bastante ligada ao desporto através do futebol masculino e feminino e com várias atividades de caminhadas em todos os domingos do mês, peddy paper's e atividades físicas a faixa etária mais idosa.

Vivo com a minha mãe Sandra que exerce a função de Empresária Têxtil, onde nela consigo retirar a maior força e motivação para nunca desistir dos meus sonhos, pois vejo nela um exemplo de trabalho e garra para nunca desistir mesmo quando está muito difícil.

O meu Pai Paulo, que é outra fonte de inspiração, superação e luta, que trabalha como Operário Fabril depois de se ter dedicado 15 anos com amor e paixão ao ramo automóvel e com a minha irmã Catarina que está no 6º ano do Ensino Básico.

Foi uma irmã muito desejada por minha parte, onde temos uma forte relação. Aos 8 anos descobrimos que tinha uma dislexia, ficamos em choque pois sempre foi uma criança muito perspicaz e atenta a tudo, mas com a nossa ajuda e de médicos competentes na área conseguimos que seja uma menina com oportunidades e desafios iguais aos colegas. Foi uma forma de ensinamento nas nossas vidas.

Este acontecimento fez com que eu ficasse com uma sensibilidade maior agora que trabalho com jovens e crianças, pois não somos nem temos de ser todos iguais e haverá sempre crianças especiais que vão precisar sempre do nosso apoio e atenção.

Entrei para a escola primária com apenas 5 anos de idade, onde durante esses 4 anos seguintes fui bem-sucedida. Realizei o meu Ensino Básico na Escola Básica 2,3 de Cabreiros em Braga.

De seguida entrei para o Ensino Secundário na Escola Carlos Amarante, em Braga, onde ingressei na área das Ciências e Tecnologias. Desde este momento que já pensava no meu futuro e o meu desejo de ser professora.

Em 2014, após terminar os estudos na Escola Secundária Carlos Amarante, foi o realizar de um sonho pois consegui colocação na Escola Superior de Desporto e Lazer em Melgaço, pertencente ao Instituto Politécnico de Viana do Castelo, onde realizei a minha licenciatura de 3 anos em Desporto e Lazer.

Esta licenciatura deu-me muito em termos de conhecimento e experiências em várias modalidades e desportos. Como sabia que apenas a licenciatura não me preenchia e o que eu gostava mesmo era do contacto com jovens e poder dar o meu conhecimento a estes, sem hesitação ingressei no mestrado 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, lecionado, na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, onde estou a estudar atualmente.

A minha vida desportiva nunca foi como praticante federada, sempre pratiquei desporto e ainda hoje consigo conciliar isso com os estudos, treino em ginásio e dou treinos como PT. Por mais que digam que praticar atividade física é difícil de conciliar com os estudos ou com o trabalho isso não é verdade, pois na nossa vida temos de ser capazes de tirar nem que sejam 30 minutos para conseguirmos nos manter ativos fisicamente.

Pratiquei natação e karaté durante a minha adolescência, mas atualmente não pratico nenhuma modalidade, apenas ginásio. A minha paixão pelo desporto já vem de família, pois o meu tio é professor de EF e sempre nos “formatou” para a beleza de a praticarmos, sempre fizemos caminhadas em família, passeios de bicicleta e treinos funcionais. O porquê de ingressar nesta área foi a paixão pelo ensino, pelo desporto, mas principalmente no contacto direto com as nossas crianças e jovens.

2.2. Expetativas em Relação ao Estágio Profissional

É a partir deste momento que todo o meu esforço e dedicação durante estes anos de estudo se retratam.

É o culminar de aprendizagens e concepções que finalmente conseguir expor na prática e ter a certeza se estão certos ou errados. Se foi o que esperei ou não.

O início da aprendizagem profissional da docência é uma fase tão importante quanto difícil na carreira de um professor. Diz-se que estes momentos são considerados dotados de características próprias e configurados pela ocorrência das principais marcas da identidade e do estilo que vai caracterizar os profissionais ao longo da sua carreira (Batista et al., 2012).

Logo esta entrada na experiência do “Ser Professor Estagiário”, é uma das etapas mais marcantes da nossa vida, pois com ela vamos vivenciar panóplias de experiências e de grandes aprendizagens. Conseguimos perceber que da teoria para a prática muita coisa muda, pois iremos encontrar alunos com personalidades variadíssimas, com níveis de aprendizagem, concepções, motivações para a prática da EF muito diferentes. Pois todos os nossos alunos vão ser distintos um dos outros.

Trata-se de um período vivido com emoção e entusiasmo, mas também com alguma apreensão e ansiedade face às novas responsabilidades geradas pelas tarefas que se assume (Flores, 1999).

É por isso que cheguei a algumas expectativas à primeira vista sobre este estágio. A primeira delas foi a aquisição de experiências que trago como professora de Educação Física, o que me fará conseguir melhorar o processo de ensino aprendizagem sobre as várias modalidades onde consta os níveis de avaliação de cada, a forma mais correta de ensinar cada uma delas.

Isto são tudo “ferramentas” que me serão muito úteis para que no futuro consiga ser mais eficaz nas várias situações/problemas com que me vou confrontar ao longo das minhas aulas.

Sei que este estágio foi um grande desafio para mim, pensei em desistir quando encontrei as primeiras barreiras e dificuldades, mas consegui superá-las com todo o meu esforço e dedicação. Se penso que serei uma boa professora?

Não consigo responder a isso. Se espero que os alunos gostem das minhas aulas e se sintam integrados. Também não o consegui prever, mas acho que os consegui conquistar e os surpreender. Surpreender a eles e a mim pelo lado positivo. Porque passar da teoria para a prática nunca foi fácil para ninguém e para mim também não o foi. Sou muito perfeccionista e tinha medo que isso me levasse a ver sempre o lado negativo das coisas, o que me podia prejudicar, mas tentei sempre alcançar o que me foi pedido. Tive alguma dificuldade na comunicação com os outros o que foi um desafio e uma barreira que tive de superar agora na Prática.

No final deste estágio, saio de coração cheio o que me deixa muitas saudades, isto é sinal de que estive a trabalhar no meio de uma família que me apoiou e me ajudou nas minhas dificuldades. Quero também que os meus alunos vejam em mim um futuro melhor para esta disciplina e que a sociedade em geral deixe de criar mitos sobre a EF, pois ela não é apenas um “lugar de recreio ou lazer” como dizem muitos pais, mas sim uma disciplina onde cria afetos, entajuda, cooperação e superação.

Ainda dentro das expectativas, conseguir ter uma ótima formação tanto a nível de planeamento/conhecimento, pois sei tive vários problemas a nível da construção da unidade didática como na planificação das aulas, mas tentei sempre experimentar formas de lecionação diferentes para perceber qual aquela mais indicada. Consegui sentir qual resultará mais naquela turma e naquele nível de alunos. Para mim, tanto a planificação das aulas como a capacidade do professor transmitir os conhecimentos tiveram um papel fundamental na forma como os alunos iniciaram a mesma. Espero ser sempre uma professora que através de uma transmissão de conhecimentos motivadora e um planeamento adequado ao nível daquela turma, poderá fazer com que os alunos se dediquem mais à aula, sendo positivo não só para mim como para a restante turma.

Em suma, consegui cativar os alunos, mostrando-lhes a importância do desporto, despertando-lhes assim o gosto para as aulas de EF e principalmente para a prática de Exercício Físico fora da escola, pois tenho a certeza que a atividade física contribui e muito para a aprendizagem cognitiva, motora e social da criança.

Enquadramento Institucional

3. Enquadramento Institucional

3.1. Entendimento sobre o estágio profissional e o seu contexto legal

Questões como “o que deve a formação inicial de professores fornecer” e “o que vai a profissão exigir” conduzem-nos a reflexões acerca do modo como ocorre a passagem da formação à profissão.

Apesar de o nosso percurso académico de 17 anos, cheios de nossos ensinamentos, perspectivas, crenças, concepções, a termos os melhores professores, com a melhor pedagogia, e a aprendermos o que de mais importante existe na nossa profissão, existe sempre o chamado “choque com a realidade”, resultante das diferenças encontradas entre a formação inicial e o que de facto acontece na realidade e na prática (Simões, 2008).

O regulamento do EP (Matos, 2014) refere que este processo cumpre com diretrizes legais do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e do Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro. Estas orientações preveem uma uniformização dos estágios e assumem-se como um guião para o desempenho do EE.

Como nos diz Matos (2014) as normas orientadoras do EP dizem-nos que o objetivo do Estágio Profissional assenta na integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.

É através deste contexto que nos é dada a possibilidade de aplicar todos os conhecimentos adquiridos durante anos de formação por isso, segundo as normas, este EP apresenta-se como um “projeto de formação do estudante com a integração do conhecimento proposicional e prático necessário ao professor, numa interpretação atual da relação teoria prática e contextualizando o conhecimento no espaço escolar” (Matos, 2014). Desta forma é possível desmistificar as concepções teóricas que trazemos connosco e descobrir de que forma é que esse suporte nos pode sustentar e enobrecer a prática.

Eu, enquanto estudante estagiário ainda numa fase de aprendizagem, pretendo ao longo deste ano letivo adquirir diferentes estratégias de ensino para

que os meus alunos se sintam cada vez mais empenhados nas aulas que realizam e que isso se traduza numa aprendizagem significativa.

Ser professor é ser um educador, ser um observador. Nós seres humanos não somos todos iguais e não podemos pensar que os nossos alunos vão ser todos iguais, porque a nossa realidade não é assim. Temos alunos com níveis de aprendizagem diferentes, alunos que tem vidas sociais e económicas diferentes e por isso mesmo o aproveitamento e a sua postura nas aulas será completamente diferente dos outros colegas.

O enquadramento operacional divide-se em 3 grandes áreas:

- Área 1: Organização e Gestão do ensino e da aprendizagem;
- Área 2: Participação na Escola e relação com a Comunidade,
- Área 3: Desenvolvimento Profissional,

Na esfera de uma boa prática, ao Estudante Estagiário compete: a lecionação das aulas à sua turma residente e à turma partilhada, a realização do seu planeamento, a construção do projeto de formação individual, a estruturação de um E-portefólio de estágio que deve ser constantemente atualizado, a observação das aulas dos colegas do Núcleo de Estágio e do Professor Cooperante, uma participação ativa nas reuniões das turmas e nas atividades realizadas na escola, ajudar nos trabalhos da direção de turma, participar numa das atividades do desporto escolar e por fim, elaborar e defender o relatório final de estágio.

O Professor Cooperante é responsável por proceder à programação das atividades do Núcleo de Estágio, colaborar com o Professor Orientador na orientação dos Professores Estagiários, orientar os estagiários em todas as burocracias e atividades que ocorrem na escola, ajudar na integração na comunidade escolar, supervisionar a lecionação das aulas e avaliar individualmente cada um dos Estudantes Estagiários, atribuindo-lhe uma classificação final.

Em conclusão, o Professor Orientador tem a responsabilidade de ajudar o Estudante Estagiário a realizar o projeto de formação individual, observar algumas aulas do Estudante Estagiário, supervisionar a prática educativa em todas as áreas de desempenho, propor uma classificação, reunir com os

Estudantes Estagiários e com o Professor Cooperante, participar nos ciclos de formação dos estagiários realizados na FADEUP, orientar construtivamente a realização do Relatório de Estágio e integrar o júri das provas públicas.

O ano de estágio é um período de descobertas que são guiadas e acompanhadas por professores experientes contudo, são muitos os caminhos que percorremos sozinhos uma vez que, como estagiários, somos confrontados com dúvidas e incertezas que nos desafiam constantemente.

De um dia para o outro, o professor principiante tem de assumir as mesmas responsabilidades que um professor com experiência, encontrando-se, por vezes, isolado e com pouco apoio (Flores, 1999).

Esta socialização, no caso dos professores, reveste-se de algumas particularidades, uma vez que, desde que iniciam as suas funções, os principiantes podem ser logo confrontados com as mesmas responsabilidades de liderança que são atribuídas aos professores experientes. Quando os professores iniciantes assumem efetivamente as suas funções, e embora acreditem que conhecem relativamente bem “aquilo em que se vão meter” podem vir a experimentar o “choque com a realidade”, que se baseia num conjunto de surpresas relativamente ao imaginado acerca da profissão (Batista et al., 2012).

De forma geral, o EP proporciona uma experiência rica em vivências profissionais que levam ao desenvolvimento integral do EE uma vez que o confronto com problemas reais da prática não só no momento da aula, mas em toda a sua intervenção enquanto professor. Isto não deve ser visto como uma meta já alcançada, mas sim como uma linha de partida para uma vida profissional futura de sucesso.

3.2. Legitimação da Educação Física no currículo escolar, no estatuto autónomo e na paridade com as restantes disciplinas

Com a ajuda da educação física, o aluno aprende a lidar com o seu próprio corpo, onde desenvolve noções de superação, de partilha, de trabalho em equipa e de cooperação. Segundo Batista (2012) afinal “O que somos nós sem o nosso

corpo? “. Muitos dos nossos comportamentos são influenciados do modo como vimos e aceitamos o nosso corpo, como a autoconfiança e a autoestima.

A educação física está presente no currículo escolar, mas ainda não conseguimos que tenha um valor e uma importância igual ou com o mesmo significativo das restantes disciplinas. A forma como a sociedade vê a educação física tem de mudar drasticamente, pois esta não é um” recreio monitorizado” ou” uma libertação de stress para os alunos”, mas sim um forte contributo para a sua vida quotidiana e futura.

Autonomamente esta é uma disciplina onde se gera um contributo fortíssimo no desenvolvimento das crianças e jovens, tanto no domínio motor, no domínio cognitivo e no domínio socio-afetivo.

Basicamente a educação física educa os jovens nos valores fundamentais, nas regras e nas atitudes da vida. Vemos que é nesta, que os alunos convivem e se relacionam uns com os outros com características muito diversificadas. É com as nossas estratégias de ensino, que os alunos incutem valores como: a cooperação, o esforço de toda a equipa para os levar á vitória, a entreajuda uns com os outros, a superação de problemas, o aprender ganhar/perder e muitas mais. A educação física dá um maior contributo aos nossos jovens cidadãos, para que quando comecem a sua iniciação á prática profissional, já tenham estes valores incutidos na sua vida, e consigam assim um futuro mais promotor de reconhecimento profissional.

Nenhuma das outras disciplinas que existem no currículo escolar, conseguem incutir tantos valores como a educação física. Então pergunto: “O porquê de não se dar um valor importante a esta disciplina e se continuar a tirar-lhe mérito e aceitação?

Na educação física conseguimos dar um acompanhamento mais assertivo e focado ao aluno, isto é, se o aluno apresentar dificuldades a perceber ou a executar algum gesto técnico, nós professores, vamos desenvolver estratégias ou exercícios mais simples para que o aluno consiga superar as suas dificuldades e não deixá-los de lado, vamos adaptar cada aula e cada modalidade ao seu nível de desempenho. Conseguimos isso executando uma

avaliação diagnóstica ao aluno e à turma sempre que iniciámos uma nova Unidade Didática.

Os alunos que têm mais dificuldades a educação física são os nossos maiores desafios, pois como bons professores, iremos ter de conseguir estrategicamente que esse mesmo aluno esteja motivado, que supere de dia para dia as suas dificuldades e que juntos consigamos a sua evolução pedagógica.

Já nas restantes disciplinas muitas vezes não acontece isto, pois o professor ensina os conteúdos de igual forma para todos os alunos, alguns vão conseguir perceber e evoluir, e outros não vão conseguir perceber, o que os vai levar à desmotivação e ao não gosto pela disciplina.

Mais uma vêz pergunto, se somos tão importantes no desenvolvimento afetivo, motor e cognitivo do aluno, porque nos vêm como uma disciplina banal?

Ao reduzirem a carga horária e a desvalorizarem desta forma a disciplina, estão a investir de forma negativa no investimento dos alunos, no que diz respeito á superação das suas dificuldades, no seu aperfeiçoamento e no seu desenvolvimento pessoa e social.

Considerando que a educação física é uma área ímpar no currículo do nosso sistema educativo, na promoção de estilos de vida saudáveis, na educação para a cidadania, no desenvolvimento integral e multilateral de todas as crianças e jovens, nós professores de educação física, não queremos nem podemos deixar que haja degradação da educação dos nossos jovens. Pedindo assim que haja uma igualdade de valores e de aceitação por parte das escolas, do currículo, das outras disciplinas e da sociedade.

Em suma, segundo Batista (2012), Prescindir do desporto ou afrouxar na sua promoção e no cultivo do seu ideário equivale a empobrecer os cidadãos nas dimensões técnicas e motoras, éticas e estéticas, cívicas e morais, anímicas e volitivas; e a favorecer a proliferação do laxismo e relativismo, do individualismo e da indiferença.

3.3. Caracterização da escola cooperante

As minhas duas primeiras escolhas, de todas as escolas disponíveis, recaíram sobre a Escola Secundária Dona Maria, em Braga e a Escola Secundária de Barcelos (ESB), em Barcelos, pois são as que ficavam mais perto da minha área de residência. Para que pudesse ser possível o meu Desenvolvimento de Iniciação à Prática Profissional, a escola que me acolheu foi então o Agrupamento de Escolas de Barcelos (AEB). Não tinha quaisquer referências sobre as vivências dos estudantes-estagiários que frequentaram esta escola em anos anteriores pelo que aguardava com grande expectativa o primeiro dia.

A cidade de Barcelos é conhecida pelo elevado número de freguesias (já foram 89, atualmente são 61).

Dentro do património histórico e monumental destacam-se diversos monumentos nacionais tais como: A Igreja de Santa Maria de Abade de Neiva, A Torre de Barcelos e a Ponte de Barcelos sobre o Cávado.



Figura 1 - Igreja da Matriz



Figura 2 - Torre de Barcelos



Figura 3 - Ponte de Barcelos

Barcelos dispõe de várias infraestruturas e equipamentos desportivos, públicos e privados: complexo de Piscinas, courts de ténis, o Pavilhão Municipal, entre outros.

No que diz respeito ao AEB, teve a sua origem no dia 4 de julho de 2012, resultante da agregação do Agrupamento de Escolas Abel Varzim e da Escola Secundária de Barcelos. Este agrupamento tem por sede a Escola Secundária de Barcelos, situada na Avenida João Paulo II, apartado 166, 4750-304 Barcelos.

Este tem uma dimensão significativa, com implantação num vasto território do Concelho de Barcelos, nas duas margens do Cávado e oferece resposta educativa à população estudantil desde a zona urbana de Barcelos até aos limites das fronteiras concelhias com Póvoa de Varzim e Esposende.



Figura 4 - Mapa com a localização da Escola Cooperante

A sua principal missão é exercer a função educativa e formativa, procurando sempre uma boa qualidade de trabalho, promovendo e incentivando o desenvolvimento intelectual, físico, social e moral de todos os alunos, tornando-os cidadãos responsáveis e ativos. Incutindo aos alunos aspetos de cooperação, respeito, responsabilidade, solidariedade e autonomia. Em relação às instalações da escola, esta foi recentemente

Renovada, o que faz com que se encontre em condições muito favoráveis e com ótimas condições.

No que diz respeito as instalações para a prática da disciplina de educação física, a escola oferece dois espaços, um interior e um exterior. Sendo que dentro do espaço interior temos o pavilhão desportivo composto por três espaços de aula mais um multiuso onde se realizam nomeadamente as aulas de ginástica (aparelhos, solo e acrobática) e ainda uma sala de dança e uma sala de musculação. Nesta sala de musculação as minhas aulas eram direcionadas para o desenvolvimento da aptidão física dos alunos, quando as situações climatéricas não me permitiam dar aula no espaço exterior.



Figura 5 - Sala de Musculação



Figura 6 - Sala de Ginástica



Figura 7 - Pavilhão Desportivo

No espaço exterior, existe um campo de relva sintética para as modalidades de futebol e andebol, mais uma pista e uma caixa de saltos dentro do mesmo espaço, para além disto, ainda no espaço exterior, existe um campo polidesportivo para a prática do voleibol e do basquetebol.

Referente ao material, a escola oferece um vasto equipamento para a prática das modalidades, possibilitando que mais do que uma turma ao mesmo tempo possa praticar a mesma modalidade.

O pavilhão e todos os outros espaços referidos anteriormente, servem-se por duas arrecadações de material e por balneários próprios.



Figura 8 - Campo Polidesportivo



Figura 9 - Campo de relva sintética

Devido ao excesso número de turmas a utilizar o pavilhão, foi elaborado um mapa de rotações de espaço de modo a possibilitar aos professores uma melhor organização das suas aulas.

		ROTAÇÃO DOS ESPAÇOS DE AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - 2017 / 2018																													
		Mesas						Mesas						Mesas						Mesas											
		8,25		8,10		10,10		10,55		11,50		12,35		8,25		8,10		10,10		10,55		11,50		12,35							
		G1	G2	G3	E1	E2	D	G1	G2	G3	E1	E2	D	G1	G2	G3	E1	E2	D	G1	G2	G3	E1	E2	D	G1	G2	G3	E1	E2	D
1ª	A	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	
	B	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	
2ª	A	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	
	B	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	
3ª	A	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	
	B	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	
4ª	A	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	
	B	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	
5ª	A	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	
	B	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	
6ª	A	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	
	B	PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA		PA	PA	PA	PA	PA	

Figura 10 - Documento de rotação dos espaços de aula

3.4. Os para sempre meus meninos do 9º ano

A minha Turma Residente, correspondia ao 9º ano de escolaridade. A turma começou com 25 alunos e foi, posteriormente, aumentada no 2º período para 26 com a entrada de uma menina. A partir desse momento, a contagem de alunos era sempre de 26, onde 15 eram do sexo masculino e 11 do feminino, onde as suas idades estão compreendidas entre os 13 e 15 anos.

Na minha primeira aula com os alunos comecei por me apresentar e falar um pouco no meu percurso académico até ao presente momento. De seguida pedi a cada um deles que se apresentassem um pouco, onde falaram das coisas que faziam e que gostavam, quais as modalidades que sentiam mais e menos afinidade, se gostavam ou não da disciplina de EF e quais as suas aspirações futuras.

De seguida realizei uma breve passagem pelas regras de funcionamento da disciplina, regras essas que comecei por lhes perguntar quais seriam, ao que eles responderam prontamente. Claro que disseram algumas e não todas e tive de dizer-las todas e quais eram rigorosamente obrigatórias. Por fim foram distribuídas as fichas de caracterização do aluno elaboradas pelo NE. Esta ficha

tinha como principal objetivo fornecer-me informações acerca de cada um dos meus alunos em relação ao seio familiar, vivências e práticas desportivas, desporto escolar, saúde dos alunos e perspectivas futuras.

Após análise conclui que maioritariamente os meus alunos se inseriam num ambiente familiar estável sem notáveis carências ou situações problemáticas, á exceção, de um aluno do sexo masculino, já repetente que carece de alguma atenção, pois o ambiente familiar não é o mais recomendado, o que faz com que seja muito conflituoso com alguns colegas. Maior parte dos alunos ainda não tem uma ideia formada do que gostaria de exercer futuramente. Na maioria dos alunos a disciplina com maior preferência é a educação física.

“Hoje dia 18 de setembro de 2018, acordei com a noção que ia começar a minha longa e dura caminhada ao longo deste ano letivo. Hoje foi o dia de conhecer a minha turma residente, alunos com personalidades e aspirações muito diferentes, a turma que vai caminhar comigo ao longo deste percurso e que me irá certamente causar obstáculos, mas obstáculos esses que quero ultrapassar junto deles.”

Diário de Bordo 1º aula- dia 18 de setembro.

Na turma relativamente à atividade motora existiam algumas diferenças entre os níveis dos alunos nas variadas modalidades, o que acabou por dificultar o planeamento do processo de ensino-aprendizagem. Já no que concerne ao domínio sócio afetivo a turma pareceu-me muito unida, sossegada, divertida, mas muito faladora. Vejo já alguns alunos mais extrovertidos e consigo identificar aqueles que são mais reservados e ainda me estão a descobrir.

“Fica no ar a imagem, opinião, as expectativas e objetivos que os alunos sentirão em relação a mim.

- *Será que vão gostar da pessoa que sou como professora?*
- *Será que vão gostar das minhas aulas?*
- *Será que vou ter problemas ou não com eles?*

- Será que lhes vou conseguir transmitir conhecimento que eles outrora ainda não o tivessem?

E ficam estas perguntas no ar, num mundo de “Serás”, que neste momento não conseguiu ter respostas concretas.”

Diário de Bordo 1º aula- dia 18 de setembro.

Falar destes meus meninos e não sentir este sentimento de entusiasmo que me corre nas veias é algo que não posso esconder.

Esta turma é extraordinariamente unida, solidária, motivadora e divertida.



Figura 11 - Alunos da turma residente 9º ano

3.5. Os pequenotes do 5º ano

A leção da turma Partilhada, realizou-se na Escola Básica 2,3 Abel Varzim em vila seca, pertencente ao Agrupamento da Escolas de Barcelos (ESB), no 2º Período.

Na turma Partilhada, de acordo com o Planeamento, cada elemento do Núcleo de Estágio lecionou entre 6 a 7 aulas de uma Unidade Didática, sendo que, eu fiquei responsável pela Unidade Didática de Atletismo, onde realizei a Corrida de Estafetas e a Corrida de Velocidade.

A turma é constituída por 16 alunos, 8 raparigas e 8 rapazes com idades compreendidas entre os 9 e 10 anos de idade. Integra 2 alunos de Etnia cigana, um do sexo masculino e um do sexo feminino. Contempla também 2 alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), sendo estes referentes ao Espectro

do Autismo, um deles com Síndrome de Asperge. Estes alunos carecem de uma atenção mais redobrada, reforços positivos e uma inclusão mais vinculada na turma e durante as aulas de Educação Física.

Este conjunto de informações foram recolhidos através de um inquérito elaborado pelo Núcleo de Estágio, com o objetivo de recolher o máximo de informação útil sobre a turma e os seus alunos, para que consigamos realizar um ensino-aprendizagem mais rico. Tendo como base as fichas de caracterização individual de cada aluno, nenhum deles apresentou problemas de saúde, onde fossem impedimento para a prática de Educação Física. Em 16 alunos, 11 deles consideram a disciplina de Educação Física como a preferida, nenhum dos alunos escolheu a Educação Física como a disciplina que menos preferissem. Sendo assim a Disciplina de Educação Física para esta turma foi considerada a disciplina mais motivadora e preferida pelos mesmos.

A maioria dos alunos não pratica qualquer desporto fora da escola, onde 5 dos 16 alunos praticam: três Futebol, um Badminton e um Ginástica. Apenas seis alunos destes 16 praticam atividades extra-aulas, neste caso o Desporto Escolar.

Depois de juntamente com os restantes elementos do Núcleo de Estágio, elaborarmos uma análise mais aprofundada dos alunos, conseguimos recolher informação que de uma forma geral o ambiente familiar dos alunos considera-se estável, apesar de se encontrarem dois alunos com um ambiente familiar mais disfuncional.

Considero que esta ficha foi muito benéfica, pois possibilitou-me organizar e melhorar bastante o planeamento das minhas aulas, tendo em extrema consideração as melhores metodologias, modelos e conceções de ensino em função das características e dos níveis e dificuldades que estes alunos apresentaram. Pois considero sempre importante e imprescindível arranjar estratégias inovadoras para conseguirmos respeitar todos os alunos e todos os seus ritmos de aprendizagem.

Segundo importa referir que a pior maneira de lidar com as diferenças é criar programas educativos de menor exigência e de pior qualidade para os alunos que revelam dificuldades em seguir o programa educativo comum. O que

é necessário é adaptar as metodologias às diferenças e assegurar apoios sociais e cognitivos aos alunos que deles precisem.

Senti uma panóplia de sentimentos de alegria e satisfação, mas também de muita tristeza, pois apesar de terem sido poucas semanas de aulas com estes meninos, aprendi muito com cada um deles. Foram os meus primeiros meninos “assim mais” novinhos” e cada um deles tinha um “toque” especial e conseguir conquista-los de uma forma tão rápida que até a mim me compreendeu.

No último dia de aulas com eles, muitos choraram agarrados a mim, e sentir que lhes vou fazer falta e que os marquei de “uma certa forma”, deixa-me de coração cheio e a transbordar de alegria e satisfação. Vão ser para sempre “Os meus pequenotes” sem dúvida alguma.



Figura 12 - Alunos da turma partilhada 5º Ano

3.6. O Melhor Núcleo de estágio

O núcleo de estágio é constituído pelo Professor Orientador da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, pelo Professor Cooperante da Escola Secundária de Barcelos e pelos meus colegas professores estagiários, Alice Paiva, Elisa Paiva e Alberto Senra.

Este Núcleo de Estágio criou um ambiente muito saudável e de entreajuda. São colegas muito animados e divertidos e quando alguém fica mais em baixo devido a alguma aula não correr tão bem, nunca deixamos que isso

prevaleça, pois ajudamos a que se olhe para o que não esteve tão bem, mas também no que vai poder melhorar.

Criamos no núcleo um sentimento de partilha constante, todos nós queríamos que este ano de estágio fosse um ano de trabalho, mas de muita satisfação para todos nós. Com este grupo consegui ter a confiança de partilhar as minhas incertezas e inseguranças, consegui pedir opiniões sobre todas as questões que me estivessem a inquietar. Haver esta união, e entreajuda entre todos nós foi muito importante e reconfortante, pois não temos de viver no medo de se errarmos vamos ser apontados como os piores, isso entre nós não aconteceu.

O professor Cooperante foi extremamente disponível e atencioso em ajudar-nos no que pode, mas claro também nos leva a uma espécie de “ensino guiado”, para que consigamos errar e ver o que pudemos melhorar e não nos dar na hora todos os instrumentos para as aulas. O professor estava sempre disponível em nos fornecer documentos, e nos ajudar na formação do relatório de estágio e em todo o nosso EP. As reuniões que teve connosco depois de cada aula observada foram muito benéficas e importantes para nós, pois ele consegue levar-nos as tarefas que devíamos ter melhorado e o porquê de aquele exercício ou tarefa não ter corrido como nós esperamos.

Como ele nos diz: “Nenhuma aula será perfeita, pois podemos sempre melhorá-la”. Estas reuniões que temos em grupo, ajudam-me a perceber se os constrangimentos que exerço nas tarefas se adaptam ou não aos alunos.

Espero no final desta grande etapa, levar comigo estas novas aprendizagens e amizades para o meu futuro pessoal e profissional.



Figura 13 - Núcleo de estágio

Realização do estágio profissional

4. Realização do estágio profissional

4.1. Área 1 – Organização e gestão do ensino e aprendizagem

Esta área diz respeito à organização e gestão do ensino e da aprendizagem, onde engloba as 4 fases mais importantes: a concepção, o planejamento, a realização e a avaliação do ensino. Tem como objetivo claro, construirmos uma estratégia de intervenção, orientada por objetivos pedagógicos, que respeitem o conhecimento válido no ensino da Educação Física e conduza com eficácia pedagógica o processo de educação e formação do aluno na aula de EF (Matos, 2014).

Quando nos deparamos com a prática, tentamos pôr em prática tudo o que fomos aprendendo ao longo da nossa formação acadêmica, mas é neste preciso momento que vemos toda a bagagem de conhecimentos que adquirimos, nem sempre podem ser aplicados tal e qual como os aprendemos. Pois chegando à escola a realidade encontrada é muito diferente, pois temos de adaptar estes conhecimentos às diretrizes da escola, aos nossos alunos e aquilo que somos enquanto professores.

Este processo é de extrema importância, pois o desenvolvimento pedagógico dos nossos alunos, tem de ser muito bem orientado, para que haja um processo de aprendizagem eficaz nas nossas aulas de EF.

4.1.1. A minha Concepção

A concepção é uma das reflexões mais difíceis de fazer na primeira fase da vida do professor, pelo que deve ser colocado um rigor e cuidados especiais nesta preparação consciente do ensino. Para isso, é necessário antecipar um planejamento que servirá como suporte fundamental para o ato pedagógico, com o objetivo de minimizar falhas e proporcionar aos alunos um ensino sistemático, sequencial e de qualidade, procurando a eficiência que este deve possuir (Bento, 2003).

Ser professor é ser um educador e um observador. Nós seres humanos não somos todos iguais e não podemos pensar que os nossos alunos o vão ser, porque a nossa realidade não é assim.

Temos alunos com níveis de aprendizagem diferentes, alunos que tem vidas sociais e económicas diferentes e por isso mesmo o aproveitamento e a sua postura nas aulas será completamente diferente dos outros colegas, por isto mesmo é necessário a reestruturação do processo de ensino-aprendizagem nas escolas.

Para os nossos alunos atuais, o BOM PROFESSOR é aquele que domina o conteúdo, escolhe formas adequadas de apresentar a matéria e tem um bom relacionamento com o grupo (Cunha, 2000).

O professor não se pode focar essencialmente só na transmissão de conhecimentos, pois tem de ter em consideração todo o processo envolvente.

Segundo as normas orientadoras do Estágio Profissional, a conceção consiste em “projetar a atividade do ensino no quadro de uma conceção pedagógica referenciada às condições gerais e locais da educação, às condições imediatas da relação educativa, à especificidade da EF no currículo dos alunos e às características do aluno”. E como é que então chegamos a uma conceção que achemos que está bem elaborada e analisada?

Para isto temos que arranjar propostas eficazes para projetar uma atividade de ensino-aprendizagem apropriada ao currículo do aluno no que se refere à disciplina de EF e às suas características individuais, e adapta-la às condições gerais e locais da educação. Temos que também realizar uma análise: dos planos curriculares, tendo em atenção as competências gerais e específicas analisadas pela escola em função de cada uma das matérias; dos programas nacionais de EF onde são apontadas finalidades, objetivos, conteúdos e indicações metodológicas, divididos pelos diversos anos de escolaridade e pelas respetivas modalidades; do contexto cultural em que se está inserido; e dos saberes próprios exigidos pela disciplina de EF.

O currículo da disciplina de EF deverá desenvolver nos alunos comportamentos pessoais e sociais tornando-os responsáveis em ambientes de atividade física adquirindo habilidades e conhecimento para serem fisicamente

ativos ao longo da sua vida. O aluno deverá reconhecer e compreender a importância da atividade física na manutenção de uma vida saudável, adotando um estilo de vida ativo, sendo competente numa diversidade de atividades. Neste sentido, os professores são responsáveis por transmitir aos alunos a importância da atividade física regular de forma a cumprirem com sucesso as atividades da vida cotidiana.

Neste sentido as minhas aulas focaram-se na conceção de ensino de acordo com (Siedentop, 1994), onde nos dá o Modelo de Educação Desportiva que tem como objetivo proporcionar aos alunos experiências autênticas de modo a adquirirem desejo para se tornarem e permanecerem fisicamente ativos ao longo da sua vida. Foca-se no desenvolvimento da competência dos alunos, apreciando com satisfação a atividade. Este modelo permite também, compreender a história e o espírito competitivo de acordo com cada modalidade e desta forma faz com que os alunos estejam mais motivados para continuar a aprender e a melhorar todos os dias.

Indo de encontro ao referido, e sabendo que as condições entre instituições de ensino se diversificam e que os seus processos e finalidades caracterizam a escola, o ponto de partida foi analisar os vários documentos disponibilizados pelo professor cooperante, que foram: O Projeto Educativo de Escola (PEE), o qual me deu informação sobre os recursos materiais e humanos existentes, bem como uma definição de objetivos e princípios pela qual a escola se orientava para a atividade educativa, Regulamento Interno (RI), Plano Anual de Atividades do Grupo de Educação Física, Critérios de Avaliação de EF e objetivos mínimos das diferentes modalidades com possível lecionação. Após a distribuição das turmas, a toda esta informação juntou-se a ficha de caracterização da turma e dos diferentes alunos.

Por fim, procedeu-se à análise dos Programas Nacionais de EF, neste caso do 3º Ciclo do Ensino Básico, os quais forneceram informação relevante sobre a matéria de ensino a abordar no 9º ano.

4.1.2. O Planeamento do Processo Ensino-Aprendizagem

O princípio da diferenciação curricular assenta principalmente no planeamento, que é umas das principais dimensões que deve ser alvo das preocupações dos professores. O planeamento é um processo de revisão que organiza todo o processo de ensino-aprendizagem e pelo qual os professores aplicam os programas escolares, cumprindo a função de os desenvolver e de os adaptar às condições do cenário de ensino (Inácio et al., 2014).

Durante o planeamento o professor de EF deve ter em atenção se a definição de objetivos está adequada às necessidades integrais dos alunos, aos recursos materiais disponíveis, ao contexto em que se está inserido, e deve ser capaz de criar decisões de ajustamento que sejam necessárias. Uma das principais finalidades do planeamento, é o aperfeiçoamento efetivo do aluno, e para que este seja possível surge a capacidade do professor definir prioridades nos distintos níveis de planeamento.

Vemos então que este capítulo está reservado ao planeamento do processo de ensino-aprendizagem, sendo subdividido em três níveis de planeamento: Plano Anual (PA), Unidade Didática (UD) e Plano de Aula. Segundo Bento (2003), “O ensino real tem naturalmente mais facetas do que aquelas que podem ser contempladas no seu planeamento e preparação”, logo apesar de estes documentos serem construídos de uma forma estruturada e bem definida, estão sujeitos a alterações, devido a imprevisibilidades do EP, tais como, condições climatéricas, mudança de instalações, respostas motoras dos alunos ou eventos não programados na calendarização anual e redução do número de aulas. Nós como professores temos de estar preparados para conseguirmos resolver problemas como estes de uma forma rápida e assertiva.

4.1.2.1. Plano anual para a turma do 9º ano

O PA consiste num documento “sem pormenores da atuação ao longo do ano, requerendo, no entanto, trabalhos preparatórios de análise e de balanço, assim como reflexões a longo prazo (Bento, 2003). Os detalhes e demais medidas didático-metodológicas são reservadas para os planos das unidades

temáticas ou didáticas e para o seu projeto de cada aula, porém, numa sequência lógica que aqui tem o seu início”.

Para elaborar este PA, como professora estagiária, tive em atenção os seguintes aspetos:

- As aulas deviam ter uma sequência lógica;
- As matérias abordadas deviam cingir-se ao conteúdo relevante;
- A planificação deve obedecer a uma sequência de prioridades;
- As matérias devem ser selecionadas de acordo com as especificidades da turma;
- A planificação deve ter em conta as unidades curriculares, as condições ambientais e o espaço necessário e disponível para a sua prática.

Depois de ter analisado todos os documentos que descrevi no ponto da conceção, o PA, foi o primeiro documento que desenvolvi no início do ano letivo, e que me fez ter a primeira responsabilidade, pois estava a desenhar todo um ano letivo que iria desenvolver com a minha turma residente. O PA (anexo 1) representa todo um plano global, integral e realista da nossa intervenção como professores. Para conseguir elaborar este Planeamento, tive de ter em atenção as disciplinas a ser abordadas para o 9º ano de escolaridade, que foram definidas na reunião do Departamento de Educação Física, o roulement de espaços e os recursos materiais.

Para a elaboração do PA foi necessário proceder à contagem do número de aulas que iria lecionar durante todo o ano letivo. Para isso, utilizei o calendário escolar que nos foi cedido na reunião com o Professor Cooperante, onde desconsidereei desde logo os feriados e, posteriormente, possíveis visitas de estudo e atividades realizadas pelo grupo de EF e grupos de outras disciplinas.

No que diz respeito ao roulement, só foi imposto a parti da semana do 15 de outubro, passado já um mês do início do ano letivo, até aí demos as aulas conforme o espaço disponível e adaptávamos a modalidade ao espaço livre. Depois de termos já o roulement foi para mim muito mais fácil de estruturar novamente o plano anual, pois já sabia quais os espaços que iria ter em cada semana do mês e adaptei muito mais facilmente a distribuição das modalidades a lecionar em cada período. Mas nem tudo foi um mar de rosas com este

roulement, pois havia semanas seguidas que estava em exterior com a turma e não conseguia lecionar uma certa modalidade, como por exemplo, a Ginástica como estava estipulado para aquele período, então muitas vezes tive de me adaptar, conversando com outros professores para conseguir trocar de espaços.

No que diz respeito aos recursos materiais, o nosso Professor Cooperante, antes do início do ano letivo, levou-nos numa visita guiada pela escola, mostrando-nos os blocos de aulas, as salas de professores, mas especialmente mostrando-nos o nosso pavilhão desportivo que seria durante este ano letivo a “nossa casa”. Aí foi-nos possível ver as condições do pavilhão e dos restantes espaços desportivos e também do material existente. A escola neste caso tem um leque alargado de material e em muito bom estado o que facilitou a nossa intervenção para a abordagem da disciplina.

Sendo assim, o primeiro Período foi constituído pelas modalidades de Voleibol com 9 aulas (8 de 90 minutos e 1 de 45 minutos), Aptidão Física juntamente com Atletismo (resistência) com 9 aulas todas de 45 minutos e por fim Ginástica de solo e Aparelhos com 3 aulas apenas pois não tive tempo de conseguir acabar a modalidade o que continuei no Segundo Período e não contou para a avaliação do Primeiro.

No Segundo Período, as modalidades lecionadas foram, a Ginástica Acrobática com 8 aulas (3 de 90 minutos e 5 de 45 minutos), a Ginástica acrobática com 5 aulas (1 de 90 minutos e 4 de 45 minutos), o Andebol com 8 aulas (6 de 90 minutos e 2 de 45 minutos) e por fim o Futebol com 6 aulas (2 de 90 minutos e 4 de 45 minutos), onde nestas duas modalidades coletivas implementei o Modelo de Educação Desportiva (MED), não na sua totalidade mas de uma forma parcial, ou seja, foram implementadas características como:

- A Afiliação;
- O Evento Culminante;
- A Festividade;
- E os Registos Estatísticos durante as aulas.

De tal forma verifiquei uma boa adesão por parte dos alunos a este Modelo de Ensino.

Por fim, o período mais pequeno do ano letivo o Terceiro Período, com as modalidades de Badminton com apenas 4 aulas (1 de 90 minutos e 3 de 45 minutos) e Basquetebol com apenas 5 aulas (2 de 90 minutos e 3 de 45 minutos), onde em basquetebol continuei com a Implementação do MED, apesar de a unidade ser reduzida.

Como é possível observar, o número de aulas para cada modalidade é muito reduzido, principalmente no Terceiro Período onde que com os feriados nacionais e locais me deu apenas 4 aulas de 90 minutos 7 aulas de 45 minutos. Visto isto, é evidente a existência de um currículo multiactividades que “tem amarrado o ensino dos jogos a um ciclo vicioso de iniciação permanente” (Graça, 2003) uma vez que não existe tempo para que os alunos consolidem os conteúdos que são lecionados.

4.1.2.2. Modelo de estrutura do conhecimento

Após a elaboração do PA da minha turma procedi à elaboração do Modelo de Estrutura de Conhecimento (MEC) Anual que contemplou critérios como: a caracterização da turma, todo o material disponível nas instalações de EF da escola, os objetivos estabelecidos para a disciplina e para cada modalidade nos parâmetros das habilidades motoras, condição física, conceitos psicossociais e cultura desportiva e quais os seus critérios de avaliação.

Como nos diz Vickers (1990), o MEC reconhece uma instrução e planeamentos comuns a todos os desportos e atividades, sendo instituído para a escola e treino e apresenta princípios de instrução semelhantes, concentrando-se no conteúdo e com o que ensinar. O MEC está dividido em três fases e engloba oito módulos que servem como uma estratégia ao professor para melhorar a eficácia do seu ensino.

Durante o meu EP a construção do MEC teve muitas alterações, pois cada unidade didática me fazia ter de reconstruí-lo. Isto porque cada modalidade tinha as suas características específicas, pois muitas vezes em certas unidades didáticas planeava lecionar várias habilidades dessa mesma modalidade, mas quando chegava à prática tinha de reestruturar o MED pois ou o nível dos alunos não me permitia dar tantas habilidades ou com o baixo número de aulas que

tinha para a modalidade não me davam essa possibilidade. Logo conforme ia lecionando cada unidade didática, o MEC estava sempre em constante alteração.

Para a construção deste, na primeira fase fui analisando os conteúdos programáticos a serem abordados nas várias modalidades, onde as organizei em 4 categorias transdisciplinares, bem como, as Habilidades motoras, a Cultura Desportiva, a Fisiologia do Treino e os Conceitos Psicossociais (módulo 1). De seguida analisei os espaços, equipamentos, materiais e as questões de segurança (módulo 2). Vi também através da Avaliação Diagnóstica ver as características dos alunos e o nível em que se encontravam para conseguir adaptar da melhor forma todos os conteúdos a lecionar em cada modalidade (módulo 3).

Depois destas fases temos de começar a tomar decisões, pois tendo em conta a avaliação diagnóstica temos de justificar a extensão e a sequência das matérias, onde tive algumas dificuldades pois o nível dos alunos de modalidade para modalidade ia mudando e os alunos em muitas vezes conseguiam evoluir rápido e então podia realizar mais matérias e em outras não, onde tinha de reestruturar o MEC (módulo 4). Logo de seguida vamos estruturando e planificando os objetivos gerais e específicos para a aprendizagem da modalidade (módulo 5), onde estruturamos também de que forma iremos avaliar os nossos alunos conforme o nosso ensino-aprendizagem (módulo 6). Depois realizamos um conjunto de exercícios com progressões de aprendizagem para que os alunos consigam atingir os objetivos definidos, nesta fase tive de conseguir realizar exercícios adaptados para os níveis mais inferiores para que estes tivessem objetivos a alcançar e conseguissem evoluir (módulo 7). Por fim, vem a fase de aplicação (Módulo 8), que resulta de todo o processo explicado anteriormente e consiste na sua aplicação, das UD's, dos planos de aulas, do diário de bordo (DB).

4.1.2.3. Unidade didática: A importância de a adaptar ao nível dos alunos

No início do ano letivo, foram elaboradas as diversas Unidade Didáticas (UD) que seriam lecionadas. Um dos grandes objetivos deste nível de planeamento é conseguir que os alunos atinjam os seus objetivos individuais nas diferentes modalidades, independentemente das suas características.

As unidades didáticas constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem” (Bento, 2003). Para que isto seja possível, a atuação do professor fosse o mais eficaz possível, o mesmo deve ser capaz de dominar de uma forma geral as matérias a lecionar, adaptá-las de acordo com os alunos que possui e ao meio em que se encontra inserido.

Como professores não podemos pensar que uma UD retrata uma distribuição aleatória da matéria pelas várias aulas existentes, mas sim retrata um processo com início, meio e fim, ou seja, uma planificação organizada e adequada. Esta ajuda o professor na preparação das diferentes aulas, dando um sentido característico à prática pedagógica.

Na elaboração das UD, considerei diversos fatores, nomeadamente o número de aulas previstas, os conteúdos a lecionar e a respetiva organização, e ainda o tempo necessário para a assimilação dos mesmos, considerando os resultados dos alunos na avaliação diagnóstica. As UD foram elaboradas sempre no início de cada matéria, mas apenas após a AD, conseguindo assim corresponder o planeamento e as especificidades dos alunos.

No que diz respeito às dificuldades sentidas, foi-me um pouco difícil separar os alunos por níveis de desempenho em certas matérias, tendo em conta as especificidades de cada aluno, em particular, notei esta dificuldade na modalidade de voleibol e Futebol.

Em voleibol após a avaliação diagnóstica percebi que o grupo das raparigas e 1 rapaz encontravam-se no nível Introdutório-Elementar e o grupo dos rapazes encontravam-se no nível Intermédio-Avançado. Visto isto, para que todos os alunos tivessem o mesmo aproveitamento e retirassem um eficaz desenvolvimento pedagógico, precisei de me reunir com o PC e o NE, para

conseguir resolver o problema, dando-me assim a resolução de durante as aulas os exercícios serem adaptados de acordo com o nível dos alunos. No final da UD, os rapazes teriam de alcançar e desenvolver o jogo 3x3 e as raparigas teriam de alcançar e desenvolver o jogo 2x2.

“Como falei anteriormente a minha turma esta dividida em 2 níveis. Para chegar a esta conclusão, como qualquer professor de educação física em qualquer modalidade, tive de obrigatoriamente realizar uma avaliação diagnóstica para conseguir observar os meus alunos e conseguir planificar esta
Unidade Didática. “

Justificação da Unidade Didática de Voleibol.

Em Futebol, após também a avaliação diagnóstica, notei que havia também 2 níveis, o Básico e o Elementar, depois de conversar com o PC, como iria implementar o Modelo de Educação Desportiva (MED), decidi optar por colocar todos os alunos no mesmo nível/fase de ensino.

“Através da avaliação diagnóstica averigui e registei em que nível de aprendizagem se encontrava a minha turma. É a partir desta avaliação que se constrói o planeamento das aulas. Com base nos resultados consegui ter uma ideia mais clara acerca das capacidades da turma, até onde podem os alunos chegar e as dificuldades mais presentes.”

Justificação da Unidade Didática de Futebol.

Já nas modalidades individuais o processo foi mais criativo. As UD de ginástica, tanto de solo como acrobática contemplavam uma fase inicial de exercitação de conteúdos isolados e uma fase de criação onde os alunos elaboravam um esquema tendo em conta as habilidades lecionadas

“... Irei dividir a turma em 4 grupos de 5 elementos, cada grupo irá exercitar as diversas figuras de trios e quadras onde mais tarde serão contempladas as pirâmides 5 e 6 elementos.

Posto isto, fica ao critério de cada grupo exercitar as diversas figuras, tendo a consciência que na avaliação final terão de apresentar uma coreografia com 6 figuras contemplada por uma música à escolha deles.”

Justificação da Unidade Didática de Ginástica Acrobática.

Por fim, tentei sempre que os conteúdos fossem coerentes e que seguissem uma sequência lógica. Neste campo particular, o recurso aos modelos de ensino foram muito importantes, pois ajudaram a planear e lecionar as modalidades, usando o modelo de ensino mais adequado às particularidades da modalidade em causa, tanto coletivas como individuais.

4.1.2.4. Estrutura e Entendimento do Plano de Aula

O plano de aula deve ser objetivo e concreto, é um documento de ajuda para o professor na orientação e preparação de cada uma das aulas o qual deve ser planificado antes desta. “Cada aula fornece um contributo totalmente específico, apenas a ela pertencente, para a solução das tarefas de uma unidade temática, do programa anual, e do programa de toda a escolaridade. Tem que assumir sempre uma função concreta, na qual se reflitam, de forma bem proporcionada, as tarefas principais da unidade ou ciclo de ensino mais lato em que inclui” (Bento, 2003).

Não podemos pensar que o PDA constitui um documento a que se deva obedecer de forma absoluta porque está sujeito a alterações conforme o decorrer da aula, mas apesar disso é um bom guia de orientação para o professor. Vemos então que o PDA nos ajuda a nós como professores, depois de elaborarmos os objetivos da UD de cada modalidade, os partir em objetivos gerais e específicos da aula, a escolha dos exercícios para o ensino do conteúdo, a direção principal das ideias e processos metodológicos, definição de tempos e estratégias de ensino.

O foco principal na realização do PDA é imprescindivelmente a necessidade da tomada de decisão constante, isto é, o professor tem de escolher acertadamente o objetivo geral e específico da aula e a escolha dos exercícios para o ensino do conteúdo. No modelo de PDA que utilizei, no cabeçalho

estavam incluídos a Função Didática, a UD a lecionar, o número da aula, o número de alunos, o espaço respectivo para a realização da aula, o material necessário e o objetivo da aula. No foco mais específico e fundamental do PDA, dividi a aula em três partes distintas: parte inicial, a parte fundamental e a parte final. Para cada uma destas partes existem objetivos específicos a definir, situações de aprendizagem a descrever, Estratégias de ensino a desenvolver e critérios de êxito a selecionar em função do conteúdo e uma estimativa de tempo para cada situação de aprendizagem.

Relativamente à parte inicial da aula, a primeira coisa que fazia com os meus alunos era explicar-lhes de uma forma clara e rápida aquilo que ia acontecer durante a aula, nomeadamente mencionar os conteúdos que iam aprender ou exercitar, depois Só desta introdução é que começavam com a realização de algum exercício destinado à ativação geral dos alunos, que poderia ou não incluir já a exercitação de algum conteúdo. Dependendo da modalidade a abordar, a realização do exercício de aquecimento pretendia não só aumentar a frequência cardíaca dos alunos, mas também que fosse de encontro à modalidade em questão.

No que diz respeito ao grande foco da aula, que é a parte fundamental, na qual se encontra o fundamental do processo de ensino- aprendizagem, a qual tem como objetivo fundamental o ensino dos conteúdos aos alunos, recorrendo às mais variadas situações de aprendizagem. Esta esta destinada à descrição e esquema dos exercícios a realizar. Esta é a parte em que senti mais dificuldades na realização do PDA, principalmente na escolha dos exercícios mais corretos para cada objetivo de aula. Por fim, a parte final da aula era destinada à conversa com os alunos, através do questionamento sobre o que tinham percebido e compreendido sobre os objetivos da aula e perceber também onde sentiram mais dificuldades, e o porquê dessas dificuldades.

Conforme as aulas iam passando, percebi que o PDA não era um documento para nos dar trabalho, mas sim para nos facilitar o processo de ensino, pois com este processo prático e simples, conseguia identificar mais facilmente o que ia lecionar. Ao longo do processo tentei sempre realizar situações desafiantes e motivadoras para todos os alunos.

Como tinha uma turma grande e espaços sempre pequenos, tive sempre de conseguir adaptar os exercícios ao número de alunos e aos espaços, tendo em conta sempre que os meus alunos não estavam em filas nem em esperas. Durante o estágio, sempre tive algumas “superstições” pois gostava sempre de chegar à aula antes da hora, de ter os campos já divididos e de ter o material necessário bem perto, pois assim conseguia que a aula fosse aproveitada ao máximo.

Concluo que, em todos os níveis de planeamento, são determinados e concretizados os objetivos mais importantes da formação e educação da personalidade (Bento, 1998). Logo, vejo que para realizar um bom PDA o professor necessita de uma boa reflexão das aulas anteriores e uma boa adaptação ao que possa surgir no momento da aula.

4.1.2.4.1 As regras e gestão dentro da aula

No que diz respeito ao controlo e gestão nas aulas a minha turma não demonstrou grandes problemas, pois eram cumpridores e educados. No entanto ouvi uma aula logo no início do 1º período em que os alunos me faltaram claramente ao respeito e tive de impor sérias regras.

“Esta aula correu muito mal, sai muito desmotivada e mesmo triste. Alguns rapazes tiveram uma atitude inapropriada, só falavam, não realizavam os exercícios, só brincavam, gozavam com os colegas e não conseguiram ter punho forte para eles nesta aula. O que me prejudicou a mim porque só gritava e os colegas porque não conseguiam concentrar-se na tarefa. Tomei a liberdade de parar a aula e ter uma conversa com toda a turma. Só lhes disse o que não gostei de ver nesta aula, que teriam de mudar este comportamento, porque eu esforço-me todos os dias para planear uma aula que seja dinâmica e eficaz para o bom desenvolvimento deles e que não merecia aquela falta de respeito e de humildade da parte deles.”

Diário de Bordo, dia 02-10-2018.

As regras e as rotinas devem ser implementadas desde as primeiras aulas para que os alunos as cumpram e consigam se adaptar à dinâmica do professor. A lista de regras foi construída em conjunto com os colegas de núcleo e o PC e

englobava pontos acerca do vestuário apropriado para as aulas, dos horários de entrada e saída com as respectivas tolerâncias e enfatizava a necessidade da pontualidade e assiduidade, da necessidade de se cumprir com normas de higiene pessoal.

Havia dois pontos em que era mais exigente, um deles relacionava-se com os horários de entrada na aula e saída da aula e claro com as respectivas tolerâncias, isto é, após o toque os alunos entravam para os balneários e tinham 10 minutos para estar na aula e 5 de tolerância. Após essa tolerância era marcada falta de pontualidade aos alunos. O último ponto relaciona-se com os equipamentos desportivos, cabelos presos e ausência de pulseira, brincos e colares, para que a prática desportiva fosse segura para todos.

Os professores têm de cumprir uma série de tarefas antes da aula, como a chamada e a certificação de que os alunos estão prontos para a prática e, no fim da aula, como uma pequena conversa com informações pontuais (Rink, 2014).

A chamada nunca foi feita em voz alta, pois com a prática já os contava e conseguia ver quem estava a faltar. No que diz respeito á montagem e arrumação do material, os alunos já sabiam que a arrumação era feita por todos e a montagem era feita por mim e por alguns alunos escolhidos também por mim. Os alunos dispensados tinham, quase sempre, um papel importante na montagem entre exercícios e no que eu necessitava. Estes alunos dispensados realizavam também um preenchimento de um relatório de aula para me entregar no final. Desde as primeiras aulas, quando queria chamar os alunos, adotei a estratégia da contagem de 5 a 0, onde quem chegasse à contagem 0 realizava uma tarefa de condição física. Após algumas aulas, bastava dizer “Parou, cheguem cá”, e os alunos rapidamente se dirigiam a mim.

Havia modalidades em que os alunos estavam divididos por níveis ou por serem muitos alunos e só ter um terço de campo dividia esse terço em três campos, com três exercícios diferentes, onde todos os alunos estavam em empenhamento motor, logo muitas vezes quando queria que os alunos mudassem de exercício, ia campo a campo explicar qual seria a nova tarefa. Isso para mim fazia muito sentido e funcionou muito bem, se não assim fosse, teria

de parar todos os 26 alunos, juntá-los, explicar a tarefa e fazer com que voltassem novamente aos seus campos, o que me gastaria muito mais tempo útil de aula. Assim desta forma enquanto explicava a um grupo de alunos, os outros continuavam na tarefa e não havia desperdícios de tempos, pois estes já são escaços.

4.1.2.4.2 Os Modelos de ensino ao longo da caminhada

4.1.2.4.3 Modelo de Instrução Direta

O Modelo de Instrução Direta (MID) é centrado no professor, este tem a tomada de praticamente todas as decisões acerca do processo de ensino-aprendizagem. Este realiza o controlo administrativo, ou seja, determina as regras e as rotinas de gestão e a ação dos alunos, obtendo assim a máxima eficácia nas atividades desenvolvidas pelos alunos. Utilizei este momento nas seguintes UD: Andebol, Futebol, Basquetebol, Badmínton, Voleibol, Atletismo, Ginástica de solo/aparelhos e acrobática. De uma forma geral usei este modelo na explicação e exemplificação dos exercícios nas modalidades anteriormente referidas, logo eu demonstrava e os alunos replicavam.

4.1.2.4.4 Modelo de Educação Desportiva

O Modelo de Educação Desportiva (MED) define-se como uma forma de educação lúdica que procura estabelecer um ambiente propiciador de uma experiência desportiva autêntica. Tem como propósito formar o aluno desportivamente competente, culto e entusiasta e pode aplicar-se a todas as modalidades.

Neste modelo, interessam formas de jogo adequadas às capacidades dos alunos, capazes de motivar e mobilizar a participação relevante de todos eles, e capazes de proporcionar uma competição de qualidade. O propósito de desenvolver a capacidade de jogo, através da melhoria das habilidades específicas, da leitura das situações de jogo, da tomada de decisão e da capacidade de resposta de ordem física e psicológica, complementa-se com o fomentar a autonomia, a liderança e a partilha de responsabilidades na

organização da experiência desportiva, através de uma transferência progressiva de poder para os alunos. O MED acredita nas vantagens da aprendizagem cooperativa em pequenos grupos heterogéneos e duradouros. Acredita-se que é colocado no aluno um esforço intencional no sentido de reforçar a identidade do grupo, no sentido de fazer parte do grupo em que trabalha para um objetivo comum e que se ajuda mutuamente para o alcançar. (Graça & Mesquita, 2013a)

A turma organiza-se por equipas assegurando o equilíbrio competitivo das mesmas e desenvolve relações de cooperação e entreajuda durante a aprendizagem. Neste sentido, todos os alunos colaboram e o resultado final resulta do contributo de todos.

Este modelo apresenta 6 características, são elas: época desportiva (substitui a unidade didática), a filiação, a competição formal, o registo estatístico, a festividade e os eventos culminantes. Tem como objetivo valorizar a competição através de registos de resultados, comportamentos e estatísticas individuais. Os alunos são colocados a desempenhar tarefas do professor, como tarefas de ensino e de gestão e no final da época desportiva é realizado um evento culminante com carácter festivo, onde os alunos assumem vários papéis, são eles, árbitros, capitães de equipa, treinadores, jornalistas etc.

Este modelo ajudou-me muito nas modalidades abordadas, os alunos mostravam-se mais motivados para as aulas de EF, até os que até então não gostavam muito destas aulas, pois sentiam que não eram “bons”. Quando queria falar para algum grupo ou fazia a chamada, fazia questão de chamar as equipas pelos seus nomes, e que eles realizassem o seu grito de equipa, para que os alunos sentissem que o que estávamos a construir tinha significado. Os alunos mais aptos ajudaram muito os colegas de equipa com medos habilidades por assim dizendo, faziam com que se sentissem mais motivados nas aulas.

Foi um dos modelos que mais gosto me deu utilizar devido á riqueza que trouxe para as minhas aulas e para o envolvimento dos alunos dentro das mesmas.

O MED ajudou-me bastante nas minhas aulas, pois consegui elaborar equipas heterogéneas e equilibradas para que todos os alunos se sentissem

motivados e incluídos em todas as tarefas da aula de EF, posso dizer que o meu EP sem o MED não seria o mesmo, com ele pude sentir que fiz a diferença em muitos alunos, pois na minha turma com esta formação de equipas muitas das meninas que não gostavam das aulas de EF, chegaram ao final do ano a dizer que adoraram as aulas. Claro que tive de adaptar um pouco as fases do modelo não o adaptando na sua totalidade, pois o número de aulas foi muito curto, logo só realizei características como a filiação, o evento culminante, a festividade e os registos estatísticos. Com a ajuda deste modelo também senti que consegui controlar muito melhor a minha turma, pois os alunos tinham sempre tarefas, estavam sempre em empenhamento motor e estavam muito focados nos objetivos que tinham de cumprir em cada tarefa proposta. Os alunos com níveis mais elevados de performance ajudavam os alunos com níveis inferiores da sua equipa para que estes tivessem um bom aproveitamento e que estivessem integrados na equipa, trabalhando em conjunto para um objetivo final. Uma das dificuldades foi que o MED deveria ter sido logo implementado no 1º período para que os alunos já tivessem mais filiados com o modelo e aí conseguiria nos períodos seguintes evoluir e dar muita mais autonomia para os alunos.

Utilizei este momento nas seguintes UD: Andebol, Futebol e Basquetebol.

4.1.2.4.5 Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo

O Modelo de Abordagem progressiva ao Jogo (MAPJ) dá a possibilidade aos alunos de participarem bastante na aula, permitindo-lhes adquirir competências a nível técnico, tático e físico. Utilizei este modelo na UD de Voleibol, pois tem como objetivo ajudar no desenvolvimento das principais competências no jogo do Voleibol.

Este modelo MAPJ está dividido em 4 etapas de aprendizagem sendo que cada uma enfatiza um determinado nível de jogo em que o aluno/turma se encontra. Sendo assim a minha turma de 9º ano, insere-se na etapa 1 e 2 e os restantes na etapa 3 do MAPJ. Este modelo possibilita a oportunidade de adaptar e modificar as formas de jogo, como a adaptação regulamentar, modificando assim a área de jogo, a altura da rede, o número de jogadores, o número de

toques, facilitando a cada aluno a ocorrência de sucesso. O MAPJ acentua a necessidade de o praticante compreender o jogo e fazer da aprendizagem um processo de procura (dimensão cognitiva), oferecer a todas oportunidades de prática e de participação equitativa (dimensão social), assegura a construção de valores, promoção do fair-play e da literacia desportiva (Dimensão pessoal) (Mesquita, 2006).

Com este modelo consegui com que o grupo das meninas que era o menos evoluído não se prejudicasse em relação à restante turma, pois consegui adaptar os exercícios, modificando as regras (ex.: nº de toque na bola), e assim conseguindo que chegassem ao objetivo que planeei para elas.

4.1.2.4.6 Modelo de Ensino de Jogos para a compreensão (Teaching Games for Understanding- TGfU)

Muitos estudos nos dizem que durante a última década o jogo de Andebol evoluiu de forma significativa, consequência de alterações regulamentares e pelo desenvolvimento de métodos de treino mais ajustados à modalidade e modelos de jogo mais evoluídos. O ensino do Andebol na escola tem sido “olhado” pelos profissionais de educação física com alguma reserva..., por se considerar de difícil abordagem na escola (Estriga & Moreira, 2013).

O ensino do andebol apresenta quatro etapas de aprendizagem, tal como foi proposto por Suter (1977). No decurso das várias etapas são introduzidas formas básicas de jogo, com o intuito de manipular a complexidade dos problemas, que se ajustam aos objetivos de aprendizagem e às próprias características dos alunos. Logo vamos desenvolver as competências do jogador, com base em formas básicas de jogo, articuladas entre si segundo princípios didáticos, progressão e de complexidade crescente (Mesquita & Graça, 2006).

O TGFU percorre 6 fases de 1 ciclo, onde as minhas aulas se encontram somente nas duas primeiras fases:

1ª Fase -> a forma de jogo é adequada à idade e ao nível de experiência dos praticantes; onde dividi a turma por níveis de habilidade na modalidade.

2ª Fase -> enfatiza a apreciação do jogo (o aluno é confrontado com o regulamento do jogo, que pode ser adaptado, bem como a sua funcionalidade e lógica de acontecimentos).

3ª Fase -> privilegia a compreensão dos problemas táticos elementares.

4ª Fase -> preconiza a contextualização da tomada de decisão (o aluno é confrontado com a resolução de questões como “o que fazer?”, “e como fazer?”, no sentido de conferir significado ao uso da técnica, em função dos problemas suscitados pelos constrangimentos do jogo).

5ª Fase -> destina-se ao aperfeiçoamento das habilidades técnicas.

6ª Fase -> integração de todas as fases anteriores, para que haja uma consolidação do jogo praticado.

Utilizei este modelo maioritariamente nas minhas aulas de andebol, pois é um modelo que se foca na compreensão da tática e na tomada de decisão no jogo.

4.1.2.4.7 Aprendizagem Cooperativa

Um modelo pedagógico dinâmico que permite ao professor ser flexível. Possibilita-nos ensinar conteúdos diversificados a alunos de diferentes níveis. Os alunos trabalham juntos em grupos pequenos, estruturados e heterogéneos de modo a dominar o conteúdo, ajudando-se uns aos outros.

A aprendizagem cooperativa como nos diz Dyson & Casey (2016) está dividida em 5 elementos críticos principais:

1º- A interdependência positiva;

2º- A responsabilidade individual;

3º- A interação presencial;

4º- As habilidades interpessoais e em grupo;

5º- O processamento em grupo.

A (1) interdependência positiva diz-nos que o sucesso só é alcançado quando os alunos trabalham juntos em equipa e confiam uns nos outros para concluírem a tarefa. Através dessa maneira os alunos são positivamente interdependentes. Ou seja, os alunos confiam uns nos outros para concluir a tarefa pré-projectada. (2) A responsabilidade individual é quando os alunos assumem a responsabilidade de executar com sucesso a sua parte da tarefa em

grupo e aprender com essa mesma tarefa. Por exemplo, são recomendadas estratégias de responsabilidade, como "folhas de tarefas dos alunos", que podem responsabilizar os alunos individualmente e criar uma situação em que as solicitações atribuídas sejam mais explícitas para os alunos. (3) A interação presencial, diz-nos que quando criamos pequenos grupos, cada elemento do grupo tem funções de incentivador. Isto é, cada aluno do grupo tem de apresentar comentários promocionais ou positivos a outros membros do grupo, para que assim se ajudem mutuamente. (4) As habilidades interpessoais e em grupo está especialmente relacionado ao desenvolvimento de habilidades sociais, isto é os alunos estão em grupos o que favorece uma comunicação confortável e descontraída entre eles. Estas habilidades são desenvolvidas através das tarefas nas quais os alunos participam e podem incluir: tomada de decisão compartilhada, assumir responsabilidades, dar e receber feedback, liderar e incentivar. Por último temos (5) o Processamento em grupo é entendido como uma discussão reflexiva e guiada, centrada no aluno, ou seja, guiada pelos alunos, e não orientada pelo professor. O processamento em grupo é uma tarefa social e cognitiva e, muitas vezes, é representado durante a aula de EF como 'estratégia', ou seja, os alunos do grupo conversam e criam estratégias para melhorar.

Em resumo, os cinco principais elementos da aprendizagem cooperativa são: interdependência positiva (trabalhar em conjunto); Responsabilidade individual (assumindo a responsabilidade por sua própria contribuição e esforço); Interação presencial (ajudando-se um ao outro para melhorar); habilidades interpessoais e em grupo (poder trabalhar em conjunto, negociar e comprometer-se para o bem maior do grupo); e Processamento em grupo (ser capaz de reflectir criticamente sobre o desenvolvimento do grupo e levar as ideias adiante).

Uma das estratégia que usei foi o PAIR-CHECK-PERFORM (par-verificar-executar), os alunos devem trabalhar uns com os outros para executar e verificar as informações. Enquanto uns alunos executavam os elementos da coreografia o restante grupo estava a avaliar, para conseguir dar feedback aos que executavam.

Este modelo foi usado na UD de Ginástica Acrobática, onde competia aos alunos formarem grupos e apresentarem uma sequência gímnica final com coreografia e música. Este modelo deu aos alunos a liberdade de trabalhar autonomamente decidindo quais as figuras que utilizariam na sequência final, e deu-me a liberdade a mim professora estagiária deu-me a possibilidade de estar mais distante dando-lhes autonomia, mas consegui também ajudar vários grupos nas dificuldades dos elementos gímnicos.

5. A passagem para a realidade

5.1.1.1. Observar, refletir e construir

Neste ponto irei falar um pouco sobre como é importante observarmos os outros para conseguirmos refletir sobre os erros e as valências dessas aulas e conseguirmos torná-las num ensinamento para nós mesmos.

A observação é um instrumento integrado na eficácia do processo pedagógico e humano e a sua prática demonstra a continuidade da aprendizagem como parte integrante do processo de desenvolvimento, constituindo-se como um meio para os profissionais atuarem criticamente sobre os comportamentos (Sarmiento, 2004).

Segundo as Normas Orientadoras da Unidade Curricular Estágio Profissional, durante todo o ano letivo temos de “elaborar os planos de observação sistemática e realizar as respetivas observações”. A tarefa de observação permitiu-me saber mais sobre o modelo de ensino, descobrir novas formas de abordar os alunos, e ainda estratégias para gerir o processo de ensino- aprendizagem. Em reunião com o NE, decidimos observar sempre as aulas uns dos outros para nos conseguirmos assim ajudar mutuamente e claro as aulas do PC.

Durante o meu Estágio Profissional, foi muito importante esta parte da observação das aulas, pois só assim consegui perceber e esclarecer dúvidas como: os relacionamentos entre aluno-aluno e aluno-professor, os comportamentos nas aulas, as várias personalidades dos alunos, as dinâmicas da turma, as tarefas e os respetivos resultados das mesmas. Como nos observávamos uns aos outros, a relação do NE tornou-se muito mais forte, fez

com que confiássemos uns nos outros e não tivéssemos medo de errar pois estávamos lá todos para cometer erros, mas também para conseguir combatê-los.

Após cada aula de cada elemento do NE tínhamos uma reunião com o PC, onde todos falávamos sobre o que esteve menos bem e o que esteve bem na aula, e quais os aspetos a melhorar. Essa reflexão que realizávamos tornou-me muito mais crítica e relação as tarefas realizadas e as dinâmicas da aula.

Para a observação das aulas lê-mos 2 artigos: 1º - A five-stage process for the development and validation of a systematic observation instrument: the system for observing the teaching of games in physical education (SOTG-PE) dos autores Simom Roberts e Stuart Fairclough (2012) e o 2º- Two sides of the same coin: student physical activity levels during a game-centred soccer unit – dos autores Harvey, Van der Mars, Song e Hyung Baek (2016), destes artigos retiramos 3 fichas de observação em que cada Professor estagiário no dia antes da aula decidia em que queria ser observado. As fichas de observação eram sobre: (1) Interação do Professor, onde observávamos o Feedback Verbal Técnico, o Feedback não-verbal técnico, o Feedback Verbal Tático e o Feedback não-verbal tático; (2) Contexto de aula, onde observávamos o tempo de : Aquecimento, Jogo Formal, Gestão, Tempo técnica, Função de árbitro, Técnica em forma Parcial de jogo, Jogos Modificados e Jogos reduzidos e (3) Atividade dos alunos, onde observávamos o tempo de: Inatividade, Resposta Motora, Locomoção, Resposta Motora/Locomoção fora de aula e Resposta Motora/Locomoção.

Consequentemente estas fichas de observação, com as reuniões de NE, e com as observações das aulas vejo que consegui refletir muito mais sobre a minha prática pedagógica, e que me foi mais fácil encontrar soluções para os problemas ao longo do tempo graças ao contributo dos vários intervenientes no meu estágio.

No entanto, quando era observada pelo PO e pelo PC, sentia-me muito insegura e com medo de errar perante eles, pois a aula poderia não e correr muito bem e ficarem com uma opinião errada da minha prestação. Senti que

todas estas reflexões sobre a ação me ajudavam a conseguir dar aos meus alunos aulas muito mais fluidas e de encontro as necessidades deles.

5.1.1.2. Avaliação

A avaliação aos nossos alunos é algo obrigatório, mas por outro lado é uma tarefa um pouco ingrata, pois vamos ter de atribuir ao desempenho do aluno um valor. Esta tarefa foi-me no início um pouco complicada e deixava-me frustrada, pois não conhecia bem os alunos e tinha medo de estar a ser injusta. Neste processo de ensino-aprendizagem a avaliação é algo fulcral na construção do currículo da aprendizagem dos alunos, pois com as avaliações que vamos fazendo ao longo de uma UD, ou ao longo do período, vamos vendo também as evoluções dos alunos e se os nossos modelos e estratégias de ensino estão a ser os mais eficazes possíveis.

Segundo Bento (2003), o processo de avaliação decorre em três momentos: “1º. No decurso da aula. 2º. Na parte final da aula. 3º. Após a aula e em casa. Análise e avaliação do ensino, propriamente ditas, têm lugar quando se passa mais uma vez as aulas em revista e se registam os seus resultados. Esta avaliação deve ser adaptada ao nível dos alunos e a realidade escolar encontrada. Esta não serve só para dar uma classificação ao aluno, mas também para que estes tomem consciência do “caminho” que estão a seguir ou que devem seguir para o seu desenvolvimento e para que a sua performance se desenvolva ao longo do tempo. Para o professor o ato de avaliar os seus alunos, dá-lhe a noção para perceber se os alunos conseguiram ou não alcançar os objetivos proposto para aquela UD, vendo se necessita de ajustes no processo de ensino e na forma como está a atuar ou não, permitindo assim a promoção de aprendizagem para todos.

Na minha EP, os critérios de avaliação foram divididos em duas categorias: o domínio das atitudes e comportamentos – Saber Ser e Saber Estar - e o domínio dos conhecimentos/capacidades – Saber e Saber Fazer. O primeiro critério tem um peso de 15%, e neste são avaliados os seguintes elementos, entre outros: Domínio sócio afetivo (15%), Assiduidade/Pontualidade (5%), Participação e empenho (5%) e Responsabilidade e Disciplina (5%).

O segundo critério vale 85% da nota e corresponde à avaliação do conhecimento do aluno sobre critérios pré-estabelecidos que incluem os objetivos de ensino, particularmente a compreensão e execução das habilidades motoras através do cumprimento ou incumprimento desses critérios, bem como a aquisição e aplicação dos princípios básicos das modalidades abordadas.

Nos momentos de avaliação ao longo da EP utilizei a avaliação criterial. A avaliação criterial vê o aluno como um ser singular e procura observar e analisar os processos individuais de aprendizagem. Neste caso, a avaliação do aluno traduz a distância a que se encontra do padrão de aproveitamento determinado – a sua performance. Este tipo de avaliação permitiu-me focar em cada aluno, olhando para o processo de aprendizagem como um processo individual, adaptando assim as condições de aprendizagem de acordo com o aluno, atendendo às necessidades de cada um, com o objetivo de que todos pudessem atingir as metas propostas.

O meu EP foi marcado por quatro distintos momentos de avaliação: a avaliação diagnóstica, a avaliação Formativa, a avaliação sumativa e a autoavaliação.

5.1.1.2.1. Avaliação Diagnóstica

A Avaliação Diagnóstica (AD) é considerada uma base do professor para orientar a realização do planeamento, através da perceção do nível dos alunos, de modo a ajustar e a adaptar o processo de ensino aprendizagem. Como nos diz Gonçalves (2010) a AD permite identificar as competências dos alunos no início de uma fase de trabalho e colocar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem ajustado às suas capacidades.

As avaliações Diagnósticas foram realizadas na primeira aula de cada UD. No entanto, em certas modalidades tal procedimento não existiu, por motivos diferentes, apesar de ambas se situarem no 3º período. Na modalidade de Ginástica Acrobática e Badminton não se realizou a AD pois muitos dos alunos nunca tinham estado em contacto com a modalidade abordada, pelo que iria ser introduzida pela primeira vez.

As modalidades lecionadas no primeiro, segundo e terceiro período foram alvo de avaliação diagnóstica, com a exclusão das já referidas. Só depois da realização das respetivas avaliações diagnósticas, eram construídas as Unidades Didáticas.

Estas avaliações no primeiro período foram muito complicadas para mim pois ainda não identificava o nome dos alunos pois eram 25 e perdia-me nos inúmeros conteúdos que constituíam as tabelas. Eram tantos conteúdos para preencher que ficava mais tempo a completar a tabela do que a observar os alunos. A atribuição de uma classificação aos alunos não foi fácil, o que depois de uma reflexão em NE conseguimos chegar a um consenso sobre nos focarmos nos conteúdos importantes, apenas 3 ou 4.

Os instrumentos utilizados na AD foram escalas de 1 a 5, em que 1 nunca realiza, 3 realiza e 5 realiza sempre e a observação direta. As escalas elaboradas possuíam os respetivos conteúdos técnicos e táticos, estando estes relacionados com os diferentes objetivos de cada modalidade.

5.1.1.2.2. Avaliação Formativa

Como nos diz Gonçalves (2010) é neste momento de avaliação que o professor deve dar a conhecer o caminho ao aluno, interpretando os seus desempenhos, fazendo-o perceber o que está a fazer corretamente e erradamente.

A avaliação formativa é, portanto, uma avaliação contínua que deve ser imposta em todos os momentos da aula. Esta avaliação dá ao professor a possibilidade de ver os alunos na realização das tarefas propostas e ver as suas atitudes nas aulas. Dá também a possibilidade ao professor de transmitir informações aos alunos que não seriam possíveis em momentos de avaliação sumativa para que estes consigam evoluir o seu desempenho.

Esta avaliação foi-me muito útil, pois conseguia ver quando as habilidades propostas estavam consolidadas e poderia avançar para novas, também me mostrou quando ainda não estavam consolidadas e teria de adaptar a UD. Conseguia ver quando os alunos sentiam mais dificuldades numa certa tarefa e dava mais tempo para que esta tivesse consolidada.

Em suma, a avaliação Formativa, ajudou-me a recolher informações que me auxiliaram na avaliação sumativa, facilitando-me o processo de avaliação.

5.1.1.2.3. Avaliação Sumativa

Esta avaliação caracteriza-se por ser um juízo globalizante sobre o desenvolvimento dos conhecimentos, das competências, capacidades e atitudes dos alunos (Bento, 2003).

No entanto, para os alunos, seria no dia da avaliação propriamente dita que as suas notas iriam ficar definidas. Percebi que havia um momento de tensão em torno da avaliação sumativa e procurei quebrar completamente este nervosismo, para que os alunos desfrutassem da aula, numa perspetiva de continuar com a aprendizagem. Nas modalidades coletivas optei por incluir exercícios exercitados durante as aulas anteriores. Na parte inicial da avaliação realizava mais exercícios analíticos e na parte final através de exercícios através da forma básica de jogo adaptada para essa modalidade, para ser mais fácil a elaboração da avaliação. Os métodos utilizados na avaliação sumativa foram os mesmos que utilizei na avaliação diagnóstica, a escala era de 1 a 5 (em que 1 é nunca realiza e 5 é realiza sempre) e, mais tarde, eram convertidas para a nota final de 1 a 5. Visto isto a avaliação sumativa é, assim, pontual e classificativa. Não há controlo do processo de ensino-aprendizagem, verificando-se, apenas, se houve sucesso ou insucesso escolar.

A autoavaliação dos alunos era feita sempre no último dia de aula da modalidade e os alunos falavam um a um das suas dificuldades e do que gostaram e gostariam que tivesse sido a UD e qual a nota que achariam merecer.

ÁREA 2 – Participação na escola e relação com a comunidade

6. Área 2 – Participação na escola e relação com a comunidade

6.1.1. Tretatlo

O Tretatlo ocorreu no dia 21 de novembro de 2019, na parte da manhã e é uma atividade realizada pelo grupo de EF da Escola Secundária de Barcelos que tem como objetivo divulgar a modalidade de atletismo. Nesta atividade realizaram-se quatro provas, tais como, o salto em altura, o lançamento do peso, a corrida de mil metros e a corrida de velocidade (40 metros).

A população alvo era constituída pelos alunos do 3º ciclo da Escola Secundária de Barcelos e da Escola Abel Varzim. A divulgação desta atividade foi diminutiva, sendo que a informação/divulgação foi transmitida aos alunos através do seu professor de EF, contudo, houve uma grande adesão, quer do sexo masculino quer do sexo feminino. A atividade contou claro, com a colaboração do meu NE, dos alunos do curso profissional de desporto e dos professores de EF.

Esta foi a primeira atividade desportiva realizada pelo grupo de EF em que eu e os meus colegas de estágio participamos, de tal forma foi uma experiência muito positiva, permitiu-nos desenvolver um trabalho de cooperação entre todos os envolventes, como nos ajudou a melhorar a nossa relação com os restantes professores de EF.

O NE ficou responsável pela montagem do material juntamente com os alunos do curso de desporto; desempenhamos ainda, a função de juizes no salto em altura e ajudamos na entrega de prémios.

6.1.2. Corta-Mato

O Corta-Mato foi realizada no dia 4 de dezembro de 2018, nas instalações da Escola Secundária de Barcelos, e teve como intuito promover a prática de exercício físico e apurar os melhores alunos para a competição distrital que se realiza todos os anos.

Esta atividade é considerada como uma das atividades mais antigas, se não a mais antiga e dinamizadora da escola, neste sentido as atividades letivas

pararam para que todos os alunos pudessem participar nesta atividade, sendo que esta prova se destinou a todos os alunos pertencentes à Escola Secundária de Barcelos e à Escola Abel Varzim, do 3º ciclo e secundário.

Quanto à divulgação da atividade pelo grupo de EF esta foi diminutiva, ficando cada professor de EF responsável por informar a sua turma. Como esta atividade já é organizada há bastante tempo, os procedimentos da mesma já estavam definidos e devido à pouca comunicação com o grupo de EF sobre a atividade, não nos foi possível envolvermo-nos na fase de preparação da prova. Contudo, não deixamos de colaborar no dia da atividade, contribuindo para que a atividade corresse da melhor forma possível.

As funções do NE focaram-se em ajudar na montagem do percurso da prova, tirar fotografias e recolher os dorsais conforme os alunos iam chegando à meta e a distribuição dos lanches.

Esta atividade contou com a colaboração dos Bombeiros Municipais de Barcelos e com a colaboração dos funcionários da escola, assim como de alguns alunos do curso profissional de desporto. Por fim, a atividade correu dentro do esperado e a participação do NE foi positiva, uma vez que desempenhamos todas as funções que nos foram atribuídas com sucesso.

6.1.3. Torneio Final de Período

O nosso núcleo de estágio decidiu realizar uma atividade diferente e que envolvesse várias modalidades, tais como, o Basquetebol, o Voleibol e o Futebol.

Decidimos optar por estas modalidades pois escolhemos o 9º ano de escolaridade e estas seriam as modalidades abordadas durante o ano letivo. O Voleibol e o Basquetebol realizaram-se numa organização de 3X3 e o Futebol em (1+3) X (3+1).

A população alvo foram os alunos do 9º ano da EC e da Escola Abel Varzim. A atividade foi elaborada e concretizada pelo NE, sendo responsável por todas as fases deste projeto. A atividade teve a participação dos funcionários da escola, dos professores de educação física e dos alunos do 11ºano, do curso profissional de Desporto.

O torneio realizou-se no dia 4 de abril de 2019 e tinha como objetivo:

- Consciencializar a comunidade escolar para as vantagens de um estilo de vida saudável;
- Promover a experiência dos alunos nas 3 modalidades;
- Partilhar o espírito de equipa, cooperação e entreajuda entre as próprias turmas;
- Promover a prática do exercício físico como forma de alcançar o bem-estar e o desenvolvimento físico dos alunos;
- Partilhar boas práticas e aprender com a experiência dos outros;
- Promover a dinâmica dentro do agrupamento com a junção da Escola Secundária de Barcelos e a Escola Abel Varzim, para tentar cativar e estimular os alunos, a permanecerem no próximo ano letivo, dentro do seio do agrupamento.

A divulgação aos alunos, sobre o torneio, realizou-se pela divulgação através de cartazes, com toda a informação disponível colocada. As fichas de inscrição foram entregues aos professores de EF, do 9ºano, para cada uma das suas turmas.

O número mínimo de inscrições de cada equipa era de 6 alunos da mesma turma, tendo a obrigatoriedade de serem equipas mistas e de nenhum jogador poder disputar duas modalidades. Cada tempo de jogo era composto por 10 minutos.

As classificações foram organizadas por turma e grupos. Foi ordenada pela soma de pontuações atribuídas aos resultados dos jogos realizados, sendo: 3 pontos por cada vitória, 2 pontos por empate e 0 pontos por derrota.

Para a atividade foram elaboradas medalhas para os vencedores e prémios para os primeiros três classificados.

Por fim, o torneio foi realizado com sucesso por parte de todo o NE, com o máximo empenho e trabalho. O espírito competitivo e o fair-play demonstrado por todos os alunos foi o ponto alto deste torneio, todos colaboravam com respeito e compromisso.

6.1.4. Escola Aberta: atividades desportivas

A “Escola Aberta” realizou-se no dia 9 de julho de 2019, com a participação de 150 alunos do 3º e 4º ano. Teve como objetivo abrir a sede do agrupamento e mostrar a escola, os laboratórios, os clubes às restantes comunidades e às escolas do 1ºano, pertencentes ao mesmo agrupamento, e à escola Abel Varzim.

As atividades centraram-se, para o 3º e 4º ano, nas modalidades de Dança, Ginástica, Basquetebol e Futebol.

No que diz respeito à organização e logística da atividade, o meu núcleo de estágio foi o principal responsável. Elaboramos num documento de excel, qual os espaços e os horários em que cada turma deveria se deslocar para a atividade. Foram também designados pelo núcleo de estágio os guias de cada turma e o respetivo responsável por cada modalidade.

Fiquei responsável pela modalidade de ginástica, onde tinha a função de ajudar os alunos nos rolamentos, saltos no minitrampolim e pela segurança na barra.

Esta atividade contou com a colaboração dos funcionários da escola e dos professores de EF. A atividade foi desenvolvida pelo núcleo de estágio, com a ajuda do Professor Cooperante. O aspeto mais importante destas atividades foi o trabalho em equipa realizado pelo núcleo de estágio, pois conseguimos nos organizar e respeitar as opiniões uns dos outros para conseguirmos um bom planeamento das atividades e da sua logística.

Em Suma, fiquei muito feliz com esta atividade, pois o núcleo de estágio empenhou-se muito para a realizar na perfeição e sem falhas, e conseguimos evidenciar no fim que esta decorreu fluidamente, pois todos sabiam as suas funções e a ajuda do grupo de educação física foi fundamental.

ÁREA 3 – Desenvolvimento Profissional

7. Área 3 – Desenvolvimento Profissional: Análise do tipo de atividade dos alunos e do contexto de aula em duas unidades de ensino do Modelo de Educação Desportiva: efeitos da duração das unidades.

7.1.1. Resumo

O presente estudo de investigação tem como analisar o tipo de atividade dos alunos e do contexto de aula em duas unidades de ensino do MED de curta duração (Basquetebol) e na unidade de longa duração (Andebol). Participaram neste estudo vinte e seis alunos (15 do sexo masculino e 11 do sexo feminino). O desenvolvimento do estudo decorreu no 2º e 3º período do ano letivo de 2018-2019, através da implementação do MED e da aplicação de fichas de observação da atividade dos alunos e do contexto de aula nas duas Unidades didáticas. Os resultados evidenciam que através do MED nas unidades de curta duração (Basquetebol) os alunos passaram mais tempo em resposta motora e com mais autonomia para o jogo.

PALAVRAS-CHAVE: MODELOS DE ENSINO; BASQUETEBOL; ANDEBOL.

7.1.2. Abstract

This research study aims to analyze the type of student activity and classroom context in two short-term MED teaching units (Basketball) and the long-term teaching unit (Handball). Twenty-six students participated in this study (15 male and 11 female). The development of the study took place in the 2nd and 3rd period of the 2018-2019 school year, through the implementation of MED and the application of observation sheets of the students' activity and the classroom context in both didactic units. The results show that through MED in short-term units (Basketball) the students spent more time in motor response and with more autonomy for the game.

KEY-WORDS: TEACHING MODELS, BASKETBALL, HANDBALL

7.1.3. Introdução

Em contexto curricular, a disciplina de EF tem como objetivos principais a promoção pelo gosto da prática regular de atividade física, o desenvolvimento de formação de hábitos e atitudes, valorizando a cooperação, a solidariedade e a responsabilidade pessoal.

Mas vemos que os programas atuais de EF e os modelos de ensino mais focados no professor estão a deixar de motivar os alunos. Como nos diz (Wallhead, 2014) existe uma disparidade entre a potencialidade da disciplina de EF e a sua realidade, ou seja, visa que os níveis de atividade física dos jovens estão a diminuir.

Segundo Batista (2012), prescindir do desporto ou afrouxar na sua promoção e no cultivo do seu ideário equivale a empobrecer os cidadãos nas dimensões técnicas e motoras, éticas e estéticas, cívicas e morais, anímicas e volitivas; e a favorecer a proliferação do laxismo e relativismo, do individualismo e da indiferença.

Neste sentido, a adoção no contexto de EF de abordagens centradas no aluno, como o MED (Siedentop, 1994) responde à necessidade de um contexto de aprendizagem vocacionado para o desenvolvimento multidimensional de competências dos alunos. Assim, o professor é chamado a assumir o papel de facilitador, envolvendo os alunos em processos que estimulam a tomada de decisões, a reflexão e a solução de problemas. As práticas de jogos reduzidos e modificados, ajustados ao nível dos alunos, e a forte participação equitativa de todos os alunos, independentemente do género e nível de habilidade, são igualmente fortes premissas do modelo (Farias, Hastie, & Mesquita, 2017).

Estudos mais recentes têm comprovado empiricamente a intenção de Siedentop (1994) de que os alunos se devem tornar jogadores desportivos competentes, alfabetizados e entusiasmados como resultado da sua participação (Farias, Mesquita, & Hastie, 2016). Contudo, pouco estudos têm analisado o contexto das aulas em termos do nível de utilização de tarefas de aprendizagem focados na aprendizagem dos jogos. No tocante à atividade dos alunos, o estudo de Hastie (2017) exemplifica o tipo de variáveis que têm sido estudados. Percebe-se que a pesquisa de observação do MED tem sido

particularmente diversificada e com várias metodologias diferentes utilizadas para responder a várias perguntas sobre a eficácia deste modelo. Neste caso, a atividade dos alunos mensurou-se em termos da sua taxa de participação em jogo (ações com bola) e eficácia de ações com bola (passe, remate, interceção, etc.). Neste momento, existem poucos estudos que tenham analisado de forma mais detalhada o tipo de atividade motora dos alunos de forma a articular as ações motoras e atividade física dos alunos.

No seguimento desta perspetiva, o tema deste estudo surgiu do facto de ao longo dos períodos encontrar Unidades Didáticas de longa e curta duração, o que me chamou o interesse e a curiosidade de tentar perceber se com a Implementação do MED a atividade dos alunos e o contexto de aula seria influenciado por esta diferença de curta e longa duração das Unidades em causa. Neste sentido, o objetivo deste estudo será perceber qual a diferença do MED na unidade de curta duração (Basquetebol) e na unidade de longa duração (andebol) em relação á atividade dos alunos e ao seu contexto de aula.

7.1.3.1. Modelo de Educação Desportiva

O Modelo de Educação Desportiva substitui as típicas abordagens de ensino do desporto (centralizado no domínio primordial das componentes técnicas isoladas do jogo), uma vez que o MED trabalha a auto-responsabilização e autonomia dos alunos em contexto de competição, promovendo a filiação e a festividade como formas de inclusão e de motivação dos alunos.

Este Modelo tem como objetivo desenvolver formas de jogo adequadas às capacidades dos alunos, capazes de motivar e mobilizar a participação relevante de todos eles, e capazes de proporcionar uma competição de qualidade. Tem como propósito desenvolver a capacidade de jogo, através da melhoria das habilidades específicas, da leitura das situações de jogo, tomada de decisão e da capacidade de resposta de ordem física e psicológica, de modo a fomentar a autonomia, a liderança e a partilha de responsabilidades na organização da experiência desportiva.

Graça & Mesquita (2015, p. 14) afirmam que o MED tem como objetivo substituir as UD de curta duração em épocas desportivas, como a constituição de equipas, visto isto a época desportiva desenrola-se seguindo um cronograma, uma vez que no início da época é elaborado um quadro competitivo. Para além destas características, os professores ao longo da implementação do modelo utilizam estilos de ensino mais centrados nos alunos, dando-lhes responsabilidades de desempenhar papéis como, treinador, capitão, árbitro, juiz de mesa e diretor de equipa (Wallhead et al., 2014). Enfatiza-se as vantagens da aprendizagem cooperativa em pequenos grupos heterogéneos e a força da identidade do grupo e no sentimento de estes trabalharem para um bem comum (Graça & Mesquita, 2013b).

O MED pretende renovar o ensino da educação física na escola, reformulando e enaltecendo o seu potencial educativo através da contextualização da prática. Este posicionamento é suportado por três eixos fundamentais: a competência desportiva, a literacia desportiva e o entusiasmo pelo desporto que conferem à educação física a competência para transparecer os costumes e formalidades relativos ao desporto (Graça & Mesquita, 2007)

7.1.4. Metodologia

7.1.4.1. Desenho do Estudo

O presente estudo teve como propósito realizar uma intervenção pedagógica impulsionada pela EE, no sentido de perceber se existem diferenças na implementação do MED em unidades de curta (Basquetebol) e longa duração (Andebol), em relação à atividade dos alunos e ao seu contexto de aula.

O desenvolvimento deste estudo decorreu ao longo do 2º e 3º período, através da implementação do MED e da aplicação de fichas de observação da atividade dos alunos e do contexto de aula na UD de andebol e o mesmo aconteceu no 3º período, na UD de basquetebol. O tipo de instrução e as estratégias de ensino foram desenhadas em concordância com a natureza do modelo, no entanto, este não foi aplicado na sua totalidade devido às poucas aulas disponíveis para cada UD.

7.1.4.2. Participantes

Neste estudo participaram 26 alunos (15 do sexo masculino e 11 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 13 e 16 anos, provenientes da turma residente do 9º ano de escolaridade da escola cooperante Escola Secundária de Barcelos, no ano letivo 2018-2019.

A turma residente frequentava as aulas de EF duas vezes por semana, com três blocos de quarenta e cinco minutos, sendo uma aula de quarenta e cinco minutos e outra aula de noventa minutos.

Foram também participantes os estudantes estagiários do meu núcleo de estágio, para ajudar na observação das aulas. Uma vez que está contemplado no protocolo celebrado entre a faculdade e a escola cooperante, a abertura para os EE elaborarem estudos desta natureza, não foi necessária nenhuma autorização.

7.1.4.3. As unidades de ensino: aplicação do MED

Este estudo teve como referência principal a implementação do MED nas aulas de EF. Posso afirmar que o modelo não foi implementado na sua totalidade, pois só se verificou a filiação, a festividade, o evento culminante e os registos estatísticos.

Uma das principais condicionantes foi o número reduzido de aulas previstas para a UD de andebol (composta por 14 blocos de quarenta e cinco minutos) e para a UD de basquetebol (composta por 7 blocos de quarenta e cinco minutos).

Quando realizei a formação das equipas mantive-as durante as duas UD, tentando assim aprofundar a filiação, a cooperação e a entreatajuda entre as equipas. Durante as duas UD a minha instrução foi um pouco direta onde entrevia na explicação e demonstração dos exercícios para os alunos, mas também os deixava muitas vezes ir numa descoberta guiada, para que conseguisse combater o erro.

Os alunos sentiam-se mais motivados quando as tarefas contavam para a classificação final das equipas, pois assim todos se encontravam numa vertente competitiva, o que levava a que todos os alunos contribuíssem para o

resultado final da sua equipa Para além disto, no evento culminante e durante as aulas foram atribuídas algumas funções aos alunos, tais como, a função de árbitro, juiz de mesa e capitão de equipa.

Por último e comum às duas modalidades, foi a organização do evento culminante, que se realizou nos dois últimos blocos de cada UD. As aulas do evento culminante, foram fundamentais para desenvolver nos alunos a sua autonomia e responsabilidade na organização do mesmo, estimulando a competição, a cooperação, a festividade, a união, a alegria e a afiliação, sendo que no final foram apresentadas as classificações finais e a atribuição dos prémios.

7.1.4.4. Instrumentos

A recolha de dados englobou a ajuda dos colegas estagiários do núcleo de estágio, onde preenchiam as fichas sobre a atividade dos alunos e sobre o contexto de aula nas aulas correspondentes, escolhidas por mim.

A observação da atividade dos alunos na UD de andebol correspondeu ao (dia 25 de janeiro de 2019, aula nº 5 e 6) e na UD de Basquetebol no (dia 10 de maio de 2019, aula nº 3 e 4).

A observação do contexto de aula na UD de Andebol correspondeu ao (dia 22 de fevereiro de 2019, aula nº 10 e 11) e na UD de Basquetebol no dia 17 de maio de 2019, aula nº 6 e 7).

Tabela 1 - Dias de Observação

Contexto de Aula				
Observação	Andebol		Basquetebol	
	Aula	Dia	Aula	Dia
	10 e 11	22 de fevereiro	6 e 7	17 de maio
Atividade dos Alunos				
Observação	Andebol		Basquetebol	
	Aula	Dia	Aula	Dia
	10 e 11	22 de Fevereiro	6 e 7	17 de Maio

A recolha de dados foi efetuada através de duas fichas de observação sobre The system for observing the teaching of games in physical education (STOG-PE). Falta referencia

A ficha de observação sobre o contexto de aula realizou-se nos 60 minutos de aula e tinha critérios como: Envolvência em atividades de aquecimento (A) , como por exemplo, atividade aeróbica, alongamentos, mobilidade; gestão (G), que inclui comportamentos tais como, instrução do professor, transições, disposição de material, registo;Tarefas analíticas de técnica (TT); Jogos de Superioridade Numérica (TFP), no qual a tomada de decisão é exigida, no entanto, a exigência da capacidade técnica persiste; jogos modificados (JM), isto é, os elementos de cada equipa devem permanecer iguais, no entanto, contém regras para restringir/facilitar com o objetivo de atingir algo, como por exemplo, regras (a bola não poderá ultrapassar esta distância), condições, equipamento; Jogos reduzidos (JR), isto é, o nº de elementos de cada equipa não é o oficial para a modalidade, por exemplo no basquetebol as equipas foram de 3 elementos e só se jogou o jogo 3x3 ; Jogo Formal de competição (JF), igual aos jogos competidos pela Federação; Atividade sem regras associadas (L) e Quando o aluno desempenha funções (F) como arbitro, claque, dirigente, etc.).

A ficha de observação sobre a atividade dos alunos realizou-se nos 60 minutos de aula e tinha critérios como: Inativo (I), isto é sentado, parado a falar....; Resposta Motora do aluno (RM), isto é realiza ação motora pedida no exercício, um passe, drible, etc.; Locomoção do aluno (L), isto é comportamentos enquadrados na tarefa proposta, andar, saltar, correr, etc; Resposta Motora/Locomoção fora de aula (RM/LFA), isto é o aluno esta fora da tarefa ou numa resposta motora de não aprendizagem, por exemplo, não faz parte do plano de aula ou do jogo, ir buscar a bola quando vai para outro campo); Resposta Motora em Locomoção (RM/L), isto é o aluno realiza uma ação locomotora enquadrada numa resposta motora pedida no exercício, tal como, saltar antes de rematar, por exemplo, remate em suspensão em andebol).

7.1.5. Procedimentos de análise

O tratamento e análise dos dados obtidos nas fichas foram realizados através do programa informático SPSS 26.

Na análise dos dados utilizou-se a estatística descritiva de forma a proceder à apresentação das médias das cinco variáveis da atividade dos alunos e das 8 variáveis do contexto de aula, com o intuito de verificar se houve diferenças entre as duas Unidades Didáticas de longa duração no Andebol e de curta duração no Basquetebol.

7.1.6. Apresentação dos Resultados

Tabela 2- Valores de média referente ao Contexto de aula: Aquecimento, Gestão, Tempo Técnica, Jogos de Superioridade numérica, Jogos Modificados, Jogos Reduzidos, Jogo Formal, Atividades Livres e Funções.

		Andebol	Basquetebol
		Média	
Variáveis	Aquecimento	2,16	0
	Gestão	16,44	11,69
	Tempo Técnica	0	0
	Jogos de Superioridade numérica	9,95	0
	Jogos Modificados	5,62	0
	Jogos Reduzidos	13,41	24,15
	Jogo Formal	0	0
	Atividades Livres	0	0
	Funções (Ex: árbitro)	13,41	24,15

A tabela 2 apresenta os valores da média obtida na observação das fichas sobre o contexto de aula da turma residente nas unidades de curta duração de basquetebol e de longa duração de andebol.

Quando observamos os resultados vemos que em ambas as modalidades nas variáveis de tempo técnica, jogo formal e atividades livres a média é nula ($\bar{x}=0$), logo não se verificou ocorrência destas variáveis nas observações de ambas.

Observando a variável do aquecimento conseguimos constatar que em basquetebol a média é nula ($\bar{x}=0$), contrariamente á media de andebol ($\bar{x}=2,16$).

Vemos também que a média no tempo de gestão em andebol foi superior ($\bar{x}=16,44$), á média no tempo de gestão em basquetebol ($\bar{x}=11,69$).

Em relação aos jogos de superioridade numérica e aos jogos modificados, vemos que só se observa valor de média na modalidade de andebol em que nos jogos de superioridade numérica a média é ($\bar{x}= 9,95$) e nos jogos modificados a média é ($\bar{x}= 5,62$), e que na modalidade de basquetebol em ambas as variáveis o valor da média é nulo ($\bar{x}= 0$).

Por último vemos que na modalidade de basquetebol as variáveis do jogo reduzido ($\bar{x}= 24,15$), e das funções ($\bar{x}= 24,15$), tem um valor de média muito mais elevado do que em andebol, em que no jogo reduzido a média é ($\bar{x}= 13,41$) e nas funções é igualmente de ($\bar{x}= 13,41$).

Tabela 3- Valores de média referentes á atividade dos alunos: Inativo, Resposta motora, locomoção, resposta motora fora da tarefa, resposta motora em locomoção

		Andebol	Basquetebol
		Média	
Variáveis	Inativo	12,00	23,86
	Resposta Motora	4,00	6,53
	Locomoção	9,67	8,80
	Resposta motora/Locomoção fora de aula	7,33	0,28
	Resposta Motora em Locomoção	1,00	8,52

A tabela 3 apresenta os valores da média obtida na observação das fichas sobre a atividade dos alunos da turma residente nas unidades de curta (Basquetebol) e longa duração (Andebol).

Observando a inatividade dos alunos vemos que tiveram mais tempo inativos em basquetebol onde a média é de ($\bar{x}= 23,86$) do que em andebol, onde a média é de ($\bar{x}= 12,00$).

Já no que diz respeito à variável da resposta motora, vemos que na modalidade de basquetebol a média foi superior ($\bar{x}= 6,53$) á de andebol ($\bar{x}= 4,00$).

Em relação à locomoção dos alunos de uma modalidade para a outra o valor da média não foi assim tão distinto, onde no andebol encontramos vamos de média de ($\bar{x}= 9,67$) e no basquetebol valores de média de ($\bar{x}= 8,80$).

Mas quando observamos a resposta motora/Locomoção fora de aula vemos uma acentuada diferença entre as médias, onde em andebol o valor é de ($\bar{x}= 7,33$) e em basquetebol o valor é de apenas ($\bar{x}= 0,28$).

Por último vemos uma grande discrepância na variável da resposta motora em locomoção, onde o valor da média em andebol é de apenas ($\bar{x}= 1,00$) e em basquetebol é de ($\bar{x}= 8,52$).

7.1.7. Discussão dos Resultados

Neste ponto, irei apresentar a discussão dos resultados atendendo ao objetivo central do estudo, qual a diferença do MED na unidade de curta duração (Basquetebol) e longa duração (Andebol) em relação á atividade dos alunos e ao contexto de aula. Pretendeu-se analisar e relacionar a informação proveniente dos dados das fichas de observação da atividade dos alunos e do contexto de aula.

Desta amostra consigo observar que em termos de contexto de aula, em Basquetebol como foi uma unidade didática de curta duração com apenas 7 aulas, foquei-me muito mais nas aulas em jogos reduzidos, para que os alunos conseguissem usufruir bastante da prática do jogo, o que fez com que o MED fosse muito mais focado no evento culminante e na filiação das equipas. Isto fez com que a aprendizagem de pares se perdesse um pouco. Nesta aula de basquetebol vemos que nem aquecimento houve, pois como era a última aula, foi realizado o evento culminante de basquetebol entre a turma e os alunos começaram logo a jogar, pois os alunos já estavam num nível mais avançado.

Já em Andebol, que foi a unidade didática de longa duração, com 14 aulas, vemos que já houve um aquecimento e também um aumento significativo da gestão de aula, isto é, consegui que estas aulas fossem mais ricas em termos de exercícios, realizando alguns de superioridade numérica, que vemos no plano de aula em anexo que foram jogos de 3x2.

No que diz respeito aos jogos modificados e as funções dos alunos nas aulas, conseguimos observar que a seguir a gestão foram as variáveis com maior percentagem, mas mesmo assim não tão evidente como em basquetebol, isto porque em andebol as aulas foram muito mais pensadas e planeadas, pois tinha

14 aulas para lecionar, e tentei sempre que tivesse exercícios de técnica mas que se focassem logo no jogo, já em basquetebol, não me foquei tanto na técnica mas sim mais no jogo em si.

Sempre pensei que os alunos tinham gostado e apreciado mais o andebol, por ser uma modalidade em que houve mais aulas e mais tempo de experiência da modalidade, mas estava errada, pois os alunos em basquetebol mostraram-se muito mais focados e motivados do que nas aulas de andebol. Isto porque jogaram muito mais e estiveram mais predispostos ao jogo e a ajudar a sua equipa a ganhar. Vi que os alunos em basquetebol dentro de cada equipa, os mais fortes puxavam muito mais pelos mais fracos e ajudavam-nos nas suas dificuldades, o que mostrava deles uma forte entreajuda em equipa, e isto é o grande significado do MED conseguir com que todos tenham as mesmas oportunidades e com que os alunos se ajudem por um só objetivo.

Logo o MED aqui na unidade de curta duração fez muito sentido pois os alunos, queriam muito jogar e estar sempre na prática do jogo, pois jogando aprende-se, não digo que não seja necessário recorrer em alguns casos aos exercícios mais técnicos de cada gesto, mas aqui com estes alunos o jogo fez muita diferença.

Analisando os dados sobre a atividade dos alunos e contrariamente ao que eu esperei, vejo que na unidade de curta duração na modalidade de basquetebol, apesar de os alunos terem estado numa maior percentagem de inatividade do que em relação ao andebol, também tiveram uma maior percentagem em respostas motoras, e em respostas motoras em locomoção.

E isto deve-se ao facto de eu nesta aula nº 3 e 4 do plano de aula de basquetebol, me ter focado muito mais em exercícios de jogo, isto é, jogos de linhas de passe, jogo 3x2, jogo dos 10 passes, jogo do passe e corte e jogo do 3x3. O MED deu-me a possibilidade de conseguir realizar os meus exercícios de técnica sempre em jogos modificados, onde os alunos como estavam dentro do jogo nem se apercebiam que estavam a realizar uma tarefa para melhorar um certo gesto técnico, o que os motivava muito mais para a prática.

Já em andebol vemos que as respostas motoras em locomoção foram bastante pobres, o que me leva a pensar que talvez também deve-se ter realizado mais destes exercícios de técnica em jogos modificados.

Consigo aqui observar que em andebol houve uma percentagem muito maior dos alunos em resposta motora fora de aula, o que me leva a crer que uma aula como as de basquetebol, muito mais focada e centrada no jogo leva os alunos a estarem mais focados, concentrados e motivados, do que uma aula como as de andebol, onde eu dava mais exercícios e talvez mais liberdade para a distração dos alunos.

7.1.8. Conclusões

Considerando a discussão dos resultados anteriormente apresentados pode-se constatar que o impacto do MED nas unidades de curta duração, neste caso na modalidade de Basquetebol, mostrou resultados mais positivos do que na unidade de longa duração, em andebol.

Talvez o tipo de instrução utilizada por mim, professora estagiária, nas duas modalidades tenha sido mais aberta em basquetebol, o que desenvolveu mais autonomia aos alunos.

Apesar do estudo não ter ido de encontro ao que eu pensava, pois os alunos em unidades de curta duração estiveram mais em empenhamento motor, considero que o Modelo de Educação Desportiva é um bem maior nas nossas aulas de EF, e que todos os professores o devam de implementar em certas unidades didáticas. Pois nós como professores temos a possibilidade de com este modelo conseguir ultrapassar problemas de inclusão dos alunos na turma, pois como estão integrados em equipas, este vai se sentir útil no desenrolar da modalidade. Faz também com que os alunos consigam exercer mais a aprendizagem cooperativa e que se sintam mais motivados para conseguirem juntos chegar a um objetivo conjunto.

Com a realização deste estudo vejo que o MED ajuda bastante os professores estagiários na realização das suas aulas, pois conseguimos elaborar equipas heterogéneas e equilibradas para que todos os alunos se sintam motivados e incluídos em todas as tarefas da aula de EF, posso dizer que o meu

EP sem o MED não seria o mesmo, com ele pude sentir que fiz a diferença em muitos alunos, pois na minha turma com esta formação de equipas muitas das meninas que não gostavam das aulas de EF, chegaram ao final do ano a dizer que adoraram as aulas e que o modelo e a estratégia que eu usei as fez ter vontade de vir para a aula de EF, pois sentiam que não eram postas de lado em nenhum momento.

Em suma, considero que neste estudo também houveram algumas limitações, tais como, o número da amostra ser muito reduzido, pois deveria ter pelo menos 3 a 4 amostras de cada observação, outra limitação foi o facto de não ter implementado o modelo na sua profundidade, pois só pus em prática a filiação, o evento culminante, a festividade e os registos estatísticos e talvez se compara-se o MED com outro modelo o estudo seria mais rico, pois assim conseguiria ver verdadeiramente o impacto do MED.

Posso aqui dizer que futuramente espero que haja mais estudos sobre o MED em curtas e longas unidades didáticas e que se compare com outros modelos.

7.1.9. Referências Bibliográficas

- Batista, P. (2012). O lugar da Educação Física na nova proposta de composição curricular [Versão eletrónica]. Barómetro Social disponível.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2007). A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista portuguesa de ciências do desporto*, 7(3), 401-421.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2013). Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos.

- Graça, A., & Mesquita, I. (2015). Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos. In F. Tavares (Ed.), Jogos desportivos coletivos - Ensinar a jogar 2ª ed. Porto: Editora FADEUP.
- Hastie, J. K. W. S. J. B. (2017). Effect of graded competition on student opportunities for participation and success rates during a season of Sport Education. *Physical Education and Sport Pedagogy*.
- Siedentop, D. (1994). Sport education: Quality PE through positive sport experiences. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Wallhead, T., Garn, A. C., Vidoni, C., & Youngberg, C. (2014). Game play participation of amotivated students during sport education. *Journal of Teaching in Physical Education*, 149-165.
- Wallhead, T. L., Garn, A. C., & Vidoni, C. (2014). Effect of a sport education program on motivation for physical education and leisure-time physical activity. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 478-487.

Conclusões e Perspectivas Futuras

8. Conclusões e Perspectivas Futuras

Escrevo estas próximas palavras com uma saudade e um misto de emoções que nem consigo explicar. Com o término do ano letivo correspondente ao EP, vejo o que aprendi nestes últimos cinco anos de formação académica. Mas posso aqui afirmar que não houve ano que me desse tanto prazer como este último, o ano do EP.

Estes 10 meses foram os mais marcantes, mais intensos e mais felizes até agora. Só o simples facto de deixar de ser a aluna que esta na cadeira e na secretária e me colocar na posição de professora, foi um sonho tornado realidade e acredito que só quem passa por esta experiência entende as minhas palavras.

Lembro-me perfeitamente do primeiro dia em que recebi aqueles vinte e seis olhares, certamente a pensarem como eu seria como professora e como seriam as minhas aulas. Eu só sentia aquele formigueiro na barriga, o medo de errar, as ansiedades que quase me cortavam a respiração e que parecia que estava acabada de sair de uma maratona, mas afirmo aqui que todas as minhas expectativas iniciais se superaram e muito pela positiva.

Mas claro que nem tudo foi fácil e um mar de rosas, houve momentos em que pensei que não seria capaz e que se calhar não era a pessoa indicada para exercer uma profissão de tão alta responsabilidade. As nossas frustrações iniciais muitas vezes tomam conta de nós, mas quando temos pessoas maravilhosas ao nosso lado como, o professor orientador, o professor cooperante, os nossos colegas do núcleo de estágio e a nossa família, conseguimos combater tudo isso.

Este confronto com a realidade ofereceu-me momentos inesquecíveis, pois com vinte e seis alunos consegui partilhar os meus conhecimentos, consegui com que se tornassem mais autónomos e com que aprendessem a gostar e a apreciar a educação física.

Tive também alguns obstáculos neste caminho, a diferença de níveis de aprendizagem e do gosto pela disciplina nos alunos foram diferentes. Ter também de gerir a gestão de aula e as tarefas a ser propostas a vinte seis alunos não foi fácil para mim e estava sempre em constante reflexão. Mas como o nosso ensino tende a ser cada vez mais rico e inovador, eu como EE também quis ir

mais além e mostrar que todos nós professores de educação física conseguimos conquistar os alunos, então com a ajuda do modelo MED, consegui trazer para as minhas aulas uma maior motivação e um maior interesse por parte dos alunos. Assim consegui realizar um dos principais objetivos de todos os professores de educação física: ter alunos motivados, interessados e empenhados na prática desportiva.

Faço assim um balanço muito positivo do meu EP, pois ganhei ainda mais gosto pela educação e esperança que a educação física será uma disciplina de peso no currículo escolar nos próximos anos.

Neste momento estou rodeada de sentimentos de alegria e de orgulho em mim mesma, pois consegui concretizar um dos meus maiores sonhos. Desta experiência retiro sabedoria, sinto que só aqui na prática consegui realmente adquirir o verdadeiro sentido do que é a prática de profissão docente, mas claro que ainda há muito por aprender.

No que diz respeito às perspetivas futuras estou bastante apreensiva, pois como todos sabemos o futuro profissional enquanto professora de educação física não está nada favorável para quem saí agora da formação, mas sempre lutarei pelos meus sonhos como fiz até ao dia de hoje. Vou lutar até surgir a oportunidade de exercer, pois quero muito ser professora, quero muito trabalhar com jovens e quero muito ensinar tudo aquilo que sei.

Pois como mostram as palavras desta aluna, sei que fiz e que posso continuar a fazer a diferença para muitos alunos.

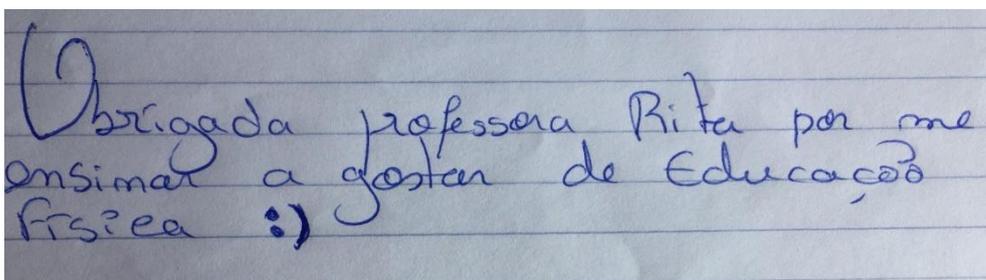


Figura 14 - Mensagem de uma aluna

Referências bibliográficas

9. Referências bibliográficas

- Batista, P. (2012). O lugar da Educação Física na nova proposta de composição curricular [Versão eletrónica]. *Barómetro Social* disponível.
- Batista, P., Graça, A., & Queirós, P. (2012). O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação física. In (pp. 83). Porto: FADEUP.
- Bento, J. O. (1998). *Planeamento e avaliação em educação física* (2º ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física* (3º ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Cunha, M. I. d. (2000). *O Bom Professor e sua Prática* (2º ed.). São Paulo: Papyrus Editora.
- Dyson, B., & Casey, A. (2016). *Cooperative Learning in Physical Education and Physical Activity*.
- Estriga, L., & Moreira, I. (2013). Proposta metodológica de ensino do andebol. *Jogos Desportivos Coletivos–Ensinar a Jogar*, 1-32.
- Farias, C., Mesquita, I., and Hastie, P.A. (2016). The Sport Education Model: Research update and future avenues for practice and investigation. *Revista Portuguesa de Ciências Do Desporto*, 16(1), 73-96.
- Farias, C., Hastie, P. A., & Mesquita, I. (2017). Towards a More Equitable and Inclusive Learning Environment in Sport Education: Results of an Action Research based Intervention. *Sport, Education and Society*, 22(4), 460-476.
- Flores, M. A. (1999). (Des)ilusões e paradoxos: A entrada na carreira na perspectiva dos professores neófitos. *Revista Portuguesa de Educação*, 171-204.

- Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, À. (2010). *Avaliação um caminho para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem*. Maia: Edições ISMAI-Centro de Publicações do Instituto Superior da Maia.
- Graça, A. (2003). Para uma renovação das concepções de ensino dos jogos desportivos na escola. . In A. M. A. Prista, A. Madeira & S. Saranga (Ed.), *Actividade Física e Desporto. Fundamentos e Contextos* (pp. 177-188). Porto: FECDEF-UP.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2007). A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista portuguesa de ciências do desporto*, 7(3), 401-421.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2013a). Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos. *Jogos desportivos coletivos: Ensinar a jogar*, 9-54.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2013b). *Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos*.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2015). Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos. In F. Tavares (Ed.), *Jogos desportivos coletivos - Ensinar a jogar 2ª ed.* Porto: Editora FADEUP.
- Inácio, G., Graça, M., Lopes, D., Lino, B., Teles, A., Lima, T., & Marques, A. (2014). Planeamento na Ótica dos Professores Estagiários de Educação Física: Dificuldades e Limitações. *Revista portuguesa de Pedagogia*
- Matos, Z. (2014). Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP. 8.
- Mesquita, I. (2006). Modelos de ensino ds jogos desportivos. *Pedagogia do desporto*.
- Mesquita, I., & Graça, A. (2006). Modelos de ensino dos jogos desportivos. *Pedagogia do desporto*, 269-283.

- Nóvoa, A. (2004). Currículo e docência: a pessoa, a partilha, a prudência. In M. P. E. Gonçalves, M. Carvalho (Ed.), *Currículo e contemporaneidade: questões emergentes* (pp. 1-11). Campinas: Alínea.
- Peter A. Hastie, J. K. W. S. J. B. (2017). Effect of graded competition on student opportunities for participation and success rates during a season of Sport Education. *Physical Education and Sport Pedagogy*.
- Rink, J. E. (2014). *Teaching physical education for learning* (7 th ed.). New York: McGraw Hill.
- Sarmiento, P. (2004). *Pedagogia do desporto e observação*. Lisboa: FMH Edições.
- Siedentop, D. (1994). *Sport education: Quality PE through positive sport experiences*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Simões, M. (2008). *Início da Carreira Docente: Desafios e Dificuldades*. Lisboa: Dissertação de apresentada a
- Vickers, J. N. (1990). *Intructional design for teaching physical activites: A knowledge structures approach*. Champaing, Illinois: Human Kinetics Books.
- Wallhead, T., Garn, A. C., Vidoni, C., & Youngberg, C. (2014). Game play participation of amotivated students during sport education. *Journal of Teaching in Physical Education*, 149-165.
- Wallhead, T. L., Garn, A. C., & Vidoni, C. (2014). Effect of a sport education program on motivation for physical education and leisure-time physical activity. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 478-487.

Anexos

Anexos

Anexo 1 - Plano Anual

PLANEAMENTO ANUAL - 9º A										
Período	1º PERÍODO				2º PERÍODO				3º PERÍODO	
Mês	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
2ª		1						1		
3ª		2 Aptidão Física			1 Dia de Ano Novo			2 Ginástica Acrobática; contin. Av.F		
4ª		3			2			3	1 Dia do Trabalhador	
5ª		4	1 Dia de Todos os Santos		3 Início do 2º Período			4	2	
6ª		5 Implantação da República	2 Voleibol AF		4 Andebol AD	1 Ginástica S+A; Av.F	1 Ginástica acrobática	5 Torneio Fim do 2º Período	3 Feriado em Barcelos (Cruzes)	
SÁB	1	6	3	1 Restauração da Independência	5	2	2	6	4	1
DOM	2	7	4	2	6	3	3	7	5	2
2ª	3	8	5	3	7	4	4 Carnaval	8	6	3
3ª	4	9 Fitescola	6 Ginástica AD	4 CORTA MATO	8 Ginástica S+A	5 Futebol	5 Carnaval	9	7 Basquetebol	4 FIT ESCOLA
4ª	5	10	7	5	9	6	6 Carnaval	10	8	5 Fim do 3º Período
5ª	6	11	8	6	10	7	7	11	9	6
6ª	7	12 Fitescola	9 Ginástica / Resistência Aeróbia	7 Resistência Aeróbia AF	11 Futebol AD	8 Andebol	8 Ginástica Acrobática	12	10 Basquetebol	7
SÁB	8	13	10	8 Imaculada Conceição	12	9	9	13	11	8
DOM	9	14	11	9	13	10	10	14	12	9
2ª	10	15	12	10	14	11	11	15	13	10 Dia de Portugal
3ª	11	16 Voleibol	13 Resistência Aeróbia/Aptidão	11 Ginástica AF	15 Ginástica S+A	12 Andebol	12 Futebol Av.F	16	14 Basquetebol	11
4ª	12	17	14	12	16	13	13	17	15	12
5ª	13	18	15	13	17	14	14	18	16	13
6ª	14	19 Voleibol	16 Resistência Aeróbia/Aptidão	14 ACTIVIDADE Fim do 1º Período	18 Andebol	15 Futebol	15 Ginástica Acrobática /Futebol Av.F	19 Sexta-Feira Santa	17 Basquetebol AF	14
SÁB	15	20	17	15	19	16	16	20	18	15
DOM	16	21	18	16	20	17	17	21 Páscoa	19	16
2ª	17 Início do 1º Período	22	19	17	21	18	18	22	20	17
3ª	18 Apresentação	23 Aptidão Física	20 Ginástica/ Resistência aeróbica	18	22 Futebol	19 Futebol	19 Andebol	23 Badminton AD Início do 3º Período	21Badminton	18
4ª	19	24	21	19	23	20	20	24	22	19
5ª	20	25	22	20	24	21	21	25 Dia da Liberdade	23	20 Corpo de Deus
6ª	21 AD Voleibol/ Aptidão Física	26 Voleibol	23 Ginástica	21	25 Andebol	22 Andebol Torneio	22 Andebol Av.Final	26 Sem Aula	24 Badminton	21
SÁB	22	27	24	22	26	23	23	27	25	22
DOM	23	28	25	23	27	24	24	28	26	23
2ª	24	29	26	24	28	25	25	29	27	24
3ª	25 Aptidão Física	30 Aptidão Física	27 Resistência Aeróbica	25 Natal	29 Ginástica Acrobática AD	26 Ginástica Acrobática	26 Aptidão Física	30 Basquetebol AD	28 Badminton AF	25
4ª	26	31	28	26	30	27	27		29	26
5ª	27		29	27	31	28	28		30	27
6ª	28 Voleibol/ Aptidão Física		30 Resistência Aeróbia/Aptidão	28			29 Aptidão Física		31 Basquetebol AF	28
SÁB	29			29			30			29
DOM	30			30			31			30
2ª				31						

Anexo 3 – Unidade Didática de Basquetebol

Unidade Didática			Aula nº Duração: 45'						
Conteúdos			1	2	3	4	5	6	7
Habilidades Motoras	Técnica	Passe de peito	Avaliação Diagnóstica	I	E	E	E	Avaliação Sumativa	
		Passe picado		I	E	E	E		
		Drible		I	E	E	E		
		Lançamento em apoio		I	E	E	E		
	Tática	Criação de linhas de passe			I	E	E		
		Passe e corte			I	E	E		
		Ocupação racional no espaço		I	E	E	E		
		Finalização		I	E	E	E		
Cultura Desportiva	Caracterização da modalidade	Objetivo do jogo	Terreno de Jogo	Regras					
	Terminologia específica	Conteúdos táticos, técnicos.							
Condição Física	Capacidades Condicionais	Ao longo das aulas serão desenvolvidas todas as capacidades condicionais e coordenativas, com especial incidência na força superior, média e inferior, resistência, velocidade de reação e de deslocamento, coordenação cinestésica, flexibilidade, ritmo, coordenação, coordenação oculo-manual, orientação espacial. estas capacidades serão desenvolvidas, quer integrada nas situações de aprendizagem, quer através das séries típicas de trabalho específico (treino de condição física).							
	Capacidades Coordenativas								
Conceitos Psicossociais	Cooperação	O aluno colabora com os colegas de turma com intuito de atingir os objetivos do jogo.							
	Respeito	O aluno revela respeito pelos colegas de turma, professor e material utilizado nas aulas.							
	Responsabilidade/Autonomia	O aluno executa o que o professor propõe, com ou sem a sua supervisão ativa.							
	Empenho	O aluno realiza os exercícios propostos com o máximo empenho e compromisso.							

Anexo 4 – Fotos dos Eventos Culminantes do MED





EQUIPA COM MAIS "GARRA" DO TORNEIO DE FUTEBOL

Foi reconhecido corpo a equipa com mais garra deste torneio pelo seu desempenho para o sucesso da mesma.

"OS SALVADORES"



ATRIBUÍDO POR: Professora estagiária Ana Rita Falcão

DATA: 15/03/2019

MELHOR GRITO DO TORNEIO DE FUTEBOL

"Os Sem Nome"



ATRIBUÍDO POR: Professora estagiária Ana Rita Falcão

DATA: 15/03/2019

Anexo 5 - Ficha de observação do estudo sobre a atividade dos alunos



Data: _____ Escola: _____ Turma: _____

Professor: _____ Aluno Ob. (Género): M / F

Unidade Didática: _____ Espaço: _____

Observador: _____

Hora de Início: _____ Hora do Fim: _____

Atividade dos Alunos

	Inter.					Inter.					Inter.							
1'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
2'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
3'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
4'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
5'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
6'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
7'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
8'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
9'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
10'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
11'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
12'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
13'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
14'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
15'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
16'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
17'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
18'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
19'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
20'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
21'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L
22'	20"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	40"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L	60"	I	RM	L	RM/LFA	RM/L

Anexo 6 – Ficha de Observação do estudo sobre o contexto de aula



Data: _____ Escola: _____ Turma: _____

Professor: _____

Unidade Didática: _____ Nº da aula: _____ Espaço: _____

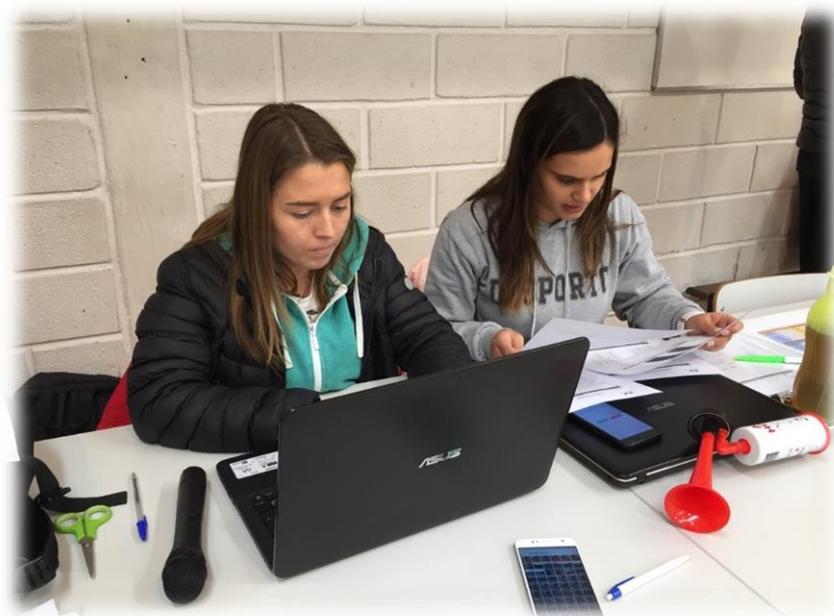
Observador: _____

Hora de Início: _____ Hora do Fim: _____

Contexto de Aula

	Inter.											Inter.											Inter.										
1'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
2'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
3'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
4'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
5'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
6'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
7'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
8'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
9'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
10'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
11'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
12'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
13'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
14'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			
15'	20"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	40"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F	60"	A	G	TT	TFP	JM	JR	JF	L	F			

Anexo 7 - Imagens do Torneio de Final de Período organizado pelo NE

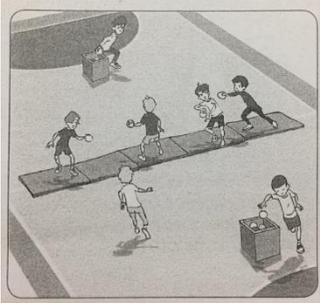




Anexo 8 – Plano de aula de andebol sobre a observação do contexto de aula e da atividade.

Plano de Aula					
Docente: Ana Rita Falcão	Ano/Turma: 9ªA	Data: 22/02/2019	Hora: 10:10h – 11:40h	Duração: 62´	Aula nº: 59 e 60
Unidade Didática/Função Didática: Andebol/ Exercitação Aula nº 10 e 11					
Nº de alunos: 26	Material: Bolas, balizas, sinalizadores, cones e cestos.				
Local: Escola Secundária de Barcelos			Espaço: Exterior 1		
Objetivo da aula: Desenvolver a criação de linhas de passe, defesa individual, finalização e remates através de Jogos Modificados.					

Parte da aula		Conteúdos	Objetivos Específicos	Situações de Aprendizagem	Estratégias	Critérios de Êxito
Parte inicial	5´			Conversa Inicial com os alunos		
	10´	Corrida; Passe;	Preparar o organismo para a parte fundamental da aula; Desenvolver a progressão para um alvo e a função de defensor.	“Jogo Progredir e Competir” O espaço divide-se em 2 terrenos de jogo (um de cada equipa). Os defensores encontram-se numa zona delimitada (dentro da zona dos cones).	Variantes: Progredir em passe, dois a dois.	Jogador com bola: - Desloca-se em passe ou em corrida sem perder a bola; - Libertar o olhar de forma a identificar o momento e zona para progredir.

	Manutenção da posse de bola.		<p>Em cada espaço encontra-se um cesto onde estão colocadas X bolas . O objetivo de jogo é que cada equipa consiga esvaziar o máximo possível o número de bolas do seu cesto pondo as suas bolas no cesto da equipa adversária, conseguindo passar pela zona dos defensores sem ser tocado.</p> <p>Nota: Quando um aluno é tocado pelo defensor na zona delimitada, este tem de colocar a bola de novo no seu cesto e voltar a tentar passar pelos mesmos.</p> 		<p>Jogador sem bola-Defensor: -Desloca-se/corre atrás dos atacantes na zona delimitada e tenta tocar-lhes.</p>
10´	<p>Passes; Recepção; Interceção; Desarme.</p>	<p>Desenvolver a manutenção da posse de bola; Desenvolver a interação e o desarme.</p>	<p>Jogo dos 10 passes Cada equipa tem 5 elementos cada. Mas para haver competição um aluno de cada equipa tem de sair da sua equipa e ir para outra, tentando assim impedir que essa equipa realize os 10 passes. Se o elemento da equipa de fora conseguir impedir os 10 passes ganha 2 pontos. Se a equipa conseguir realizar os 10 passes ganha 1 ponto.</p> <p>1 Elemento da equipa A → B 1 Elemento da equipa B → C 1 Elemento da equipa C → D 1 Elemento da equipa D → E 1 Elemento da equipa E → A</p> <p>Nota: Cada Jogo tem a duração de 2 minutos. Rodam á ordem do professor.</p>	<p>Variantes: O jogador com bola não pode passar ao jogador que lhe passou a bola.</p>	<p>Jogadores com Bola: Conseguir realizar os 10 passes sem ser intercetado.</p> <p>Jogador sem bola (defesa): Conseguir realizar um maior número de interceções possíveis.</p>

Parte Fundamental	15'	Passe/Recepção; Manutenção da Posse de bola; Desmarcação; Remates; Defesa Individual; Passa e vai; Desarme; Finalização.	<p>“ Torres do Castelo: Desenvolver as noções básicas coletivas de manutenção da posse de bola e progressão no terreno de jogo; Desenvolver as situações de cooperação por parte dos atacantes; Desenvolver nos defensores a recuperação de bola para passar a contra-atacar. Desenvolver a finalização.</p> <p>“Jogo 3x2” : Desenvolver os conceitos de amplitude de ataque;</p>	<p><u>Os alunos estão distribuídos pelas equipas em 3 campos</u></p> <p><u>Os alunos Jogam nos campos laterais:</u></p> <p>O Jogo “ Torres do Castelo” → (4+ GR) X (GR+4)</p> <p>Cada equipa tem um guardião (guarda-redes) das torres do castelo que se coloca dentro da área da sua baliza procurando defender os remates dirigidos às torres (sinalizadores).</p>		<p>“Torres do Castelo” Atacante com bola: - Passa a bola a colega próximo e sem marcação; - Passa a bola a colega sem marcação e melhor posicionado para finalizar; - Finalizar quando está em situação favorável.</p> <p>Atacante sem bolar: - Afasta-se do portador da bola para receber; - Posiciona-se perto da zona de finalização;</p> <p>Defesa: - Posiciona-se entre a linha da bola e a área a defender.</p> <p>GR- (Guardião):</p>

		Desenvolver os remates; Desenvolver a finalização.	<p>Os alunos jogam no campo central:</p> <p style="text-align: center;">Jogo 3x2</p> <p>Um dos grupos assume funções de jogador de campo (defensor) e guarda-redes. O restante grupo ataca. Depois de 5 ataques os alunos trocam de funções.</p> <p>Nota: Cada jogo tem a duração de 5 minutos cada. Vão rodando no sentido do relógio ao apito do Professor.</p> <table border="1" style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td style="text-align: center;">(4+GR) X (GR+4)</td> <td style="text-align: center;">3x2</td> <td style="text-align: center;">(4+GR) X (GR+4)</td> </tr> </table>	(4+GR) X (GR+4)	3x2	(4+GR) X (GR+4)		<p>- Defende o remate e dá início ao contra-ataque.</p> <p>“Jogo 3x2”</p> <p>Atacante com bola:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sem oposição, avança para finalizar; - Executar o remate em salto ou em apoio; - Após passe movimenta-se para criar linha de passe. <p>Atacante sem bola:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mantém linha de passe; <p>Defesa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coloca-se entre o atacante com bola e a baliza.
(4+GR) X (GR+4)	3x2	(4+GR) X (GR+4)						
20’	<p>Passe;</p> <p>Manutenção da posse de bola;</p> <p>Desmarcação;</p> <p>Desarme;</p>	Desenvolver todos os conteúdos abordados durante as aulas;	<p style="text-align: center;">Jogo (4+GR) x (4+GR)</p> <p>Os alunos agrupam-se nas 5 equipas Jogam 4 equipas de cada vez. 2 Equipas em cada campo e ao mesmo tempo. A equipa que fica de fora arbitra os 2 jogos. Cada jogo tem a duração de 5 minutos cada</p>	Cada equipa elabora as suas estratégias.	Conseguir marcar ponto e que a bola passe por todos os elementos da equipa.			

		Interceção Remates; Defesa individual; Passa e vai; Finalização.	Desenvolver a cooperação, entreadjudada e a competição entre a equipa.			
Parte Final	2'			Os alunos estarão dispostos em U Revisão sobre a aula lecionada		

Anexo 9 - Plano de aula de basquetebol sobre a observação do contexto de aula e da atividade.

Plano de Aula					
Docente: Ana Rita Falcão	Ano/Turma: 9ªA	Data: 17/05/2019	Hora: 10:10h – 11:40h	Duração: 60´	Aula nº: 84 e 85
Unidade Didática/Função Didática: Basquetebol /Avaliação Sumativa nº 6 e 7					
Nº de alunos: 26	Material: Bolas, sinalizadores, coletes, apitos e marcadores.				
Local: Escola Secundária de Barcelos			Espaço: Pavilhão		
Objetivo da aula: Avaliar o nível dos alunos em basquetebol.					
Função Didática: Avaliação final e Torneio de final de Unidade.					

Parte da aula		Conteúdos	Objetivos Específicos	Situações de Aprendizagem	Estratégias	Critérios de Êxito
Parte inicial	5´			Conversa Inicial com os alunos		
Parte Fundamental	40´	Passe de peito; Passe picado; Criação de linhas de passe; Passe e corte; Ocupação racional no espaço. Lançamento em apoio; Drible;	Avaliar o nível dos alunos.	<p style="text-align: center;"><u>“Torneio Final”</u></p> A turma realiza um torneio entre as 7 equipas. Fazem jogos de 3 contra 3 em meio campo de 5 minutos cada jogo. Sendo que jogam todos contra todos, quem obter mais vitórias ganha o torneio.		Passar com as duas mãos; Driblar à altura da cintura; Observar o corte; Progredir para o cesto; Passar e cortar para o cesto; Criar linhas de passe; Ocupar os espaços livres. Criar oportunidades de finalização; Manter a posse de bola.

		Finalização.				Enquadrar-se com o cesto.
Parte Final	15'			Entrega dos questionários de motivação		

